

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA ESTRANGEIRAS  
CURSO DE LETRAS ESTRANGEIRAS - LÍNGUA ITALIANA E LITERATURAS

Karina Bez Batti

**A REPRESENTAÇÃO DA MORTE EM *ULTIME LETTERE DI JACOPO ORTIS*:  
UM OLHAR SOBRE O MATERIALISMO FOSCOLIANO**

Florianópolis  
2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA ESTRANGEIRAS  
CURSO DE LETRAS ESTRANGEIRAS - LÍNGUA ITALIANA E LITERATURAS

Karina Bez Batti

**A REPRESENTAÇÃO DA MORTE EM *ULTIME LETTERE DI JACOPO ORTIS*:  
UM OLHAR SOBRE O MATERIALISMO FOSCOLIANO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Letras - Língua Italiana e Literaturas.

*Orientadora:* Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Karine Simoni

Florianópolis  
2015

Karina Bez Batti

**A REPRESENTAÇÃO DA MORTE EM *ULTIME LETTERE DI JACOPO ORTIS*:  
UM OLHAR SOBRE O MATERIALISMO FOSCOLIANO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Letras - Língua Italiana e Literaturas.

Aprovado pela **Banca Examinadora**  
Em Florianópolis, 01 de julho de 2015.

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Karine Simoni  
*Orientadora/ Presidente*

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Andréia Guerini  
*Examinadora*

---

Prof<sup>º</sup>. Dr<sup>º</sup>. Nazareno Eduardo de Almeida  
*Examinador*

*Ao meu (e)terno felino amigo, Nox,  
por esses 10 anos...  
Ouro Verdadeiro.*

## **AGRADECIMENTOS**

À minha Mãe; minha heroína.

À minha Professora, Dr<sup>a</sup>. Karine Simoni, por cada preciosa orientação, pela paciência e dedicação que me concedeu na realização desse trabalho.

À Universidade Pública do Brasil.

*Vorrei essere neve d'inverno  
per stupire giocoso il tuo sguardo,  
poi adagiarmi sulla tua mano  
e morire disciolto, pian piano...*

Gabriele D'Annunzio

## RESUMO

Neste trabalho será analisada a ideia de morte física e morte metafórica no romance epistolar *Ultime lettere di Jacopo Ortis*, do escritor e poeta italiano Ugo Foscolo, publicado em 1817, a fim de verificar o materialismo presente na obra, sob a luz da filosofia atomista de Lucrecio. O primeiro capítulo tem por objetivo apresentar algumas relações entre Foscolo e o contexto histórico em que ele viveu, necessárias para melhor compreender o tema da morte no romance. O capítulo segundo é dedicado à análise da representação da morte, tanto física quanto metafórica, nas cartas do personagem Jacopo Ortis, e, para tanto, foram selecionados trechos das cartas de 11, 13, 26 e 28 de outubro; 12 e 20 de novembro e 11 de dezembro de 1797; 15 de maio e 17 e 25 de setembro de 1798; 5 e 20 de março de 1799. Por fim, o último capítulo traz um olhar sobre o materialismo foscoliano e como ele se relaciona à doutrina filosófica do atomismo de Lucrecio (século I a.C.), tendo como norte o Livro 3 do poema *Da Natureza* [*De rerum natura*], a partir das cartas datadas de 13 de maio, 23 de outubro e 03 de dezembro de 1797; 25, 27 e 28 de maio, 02 de junho e 27 de agosto de 1798; 19 e 20 de fevereiro de 1799, 14, 20 e 25 de março de 1799.

**Palavras-chave:** *Ultime lettere di Jacopo Ortis*; morte; materialismo; Lucrecio.

## RIASSUNTO

In questo lavoro sarà analizzata l'idea della morte fisica e la morte metaforica nel romanzo epistolare *Ultime lettere di Jacopo Ortis*, dello scrittore e poeta italiano Ugo Foscolo, pubblicato nel 1817, al fine di verificare il materialismo presente nell'opera, alla luce della filosofia atomistica di Lucrezio. Il primo capitolo si propone di presentare alcuni rapporti tra Foscolo e il contesto storico in cui ha vissuto, necessarie per comprendere meglio il tema della morte nel romanzo. Il capitolo secondo è dedicato all'analisi della rappresentazione della morte, sia fisica che metaforica, nelle lettere del personaggio Jacopo Ortis, e, per questo fine, sono stati selezionati estratti delle lettere 11, 13, 26 e 28 ottobre; 12 e 20 novembre e 11 dicembre 1797; 15 maggio e il 17 e 25 settembre 1798; 5 e 20 marzo 1799. Infine, l'ultimo capitolo fornisce uno sguardo verso il materialismo foscoliano e come lui si riferisce alla dottrina filosofica dell'atomismo di Lucrezio (I secolo a.C.), avendo come nord il 3° Libro del poema *La natura* [*De rerum natura*], dalle lettere datate del 13 maggio, 23 ottobre e il 3 dicembre 1797; 25, 27 e 28 maggio, 02 giugno, 27 agosto e 4 dicembre 1798; 19 e 20 febbraio 1799, 14, 20 e 25 marzo 1799.

**Parole-chiave:** *Ultime lettere di Jacopo Ortis*; morte; materialismo; Lucrezio.



## ABSTRACT

In this work will be analyzed the idea of physical death and metaphorical death in the epistolary novel *Ultime lettere di Jacopo Ortis*, of the Italian writer and poet Ugo Foscolo, published in 1817, in order to verify the materialism present in the work, under the light of atomism philosophy of Lucretius. The first chapter aims to present some relationships between Foscolo and the historical context in which he lived, needed to better understand the theme of death in the novel. The second chapter is dedicated to the analysis of the representation of death, both physically and metaphorically, in the letters of the character Jacopo Ortis, and, therefore, were selected excerpts from the letters of 11, 13, 26 and 28 October; 12 and 20 November and 11 December 1797; May 15, 17 and 25 September 1798; 5 and 20 March 1799. Finally, the last chapter brings a look at the Foscolo's materialism and how it relates to the philosophical doctrine of atomism of Lucretius (the 1st century BC), having as north the *Book 3* of the poem *On the Nature of Things* [*De rerum natura*], from the letters dated 13 May, 23 October and 3 December 1797; 25, 27 and 28 May, 02 June, 27 August and 4 December 1798; 19 and 20 February 1799, 14, 20 and 25 March 1799.

**Keywords:** *Ultime lettere di Jacopo Ortis*; death; materialism; Lucretius.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO I</b>	
Contexto histórico do autor e da obra .....	<b>15</b>
<b>CAPÍTULO II</b>	
A representação da morte em <i>Ultime Lettere di Jacopo Ortis</i> .....	<b>22</b>
<b>CAPÍTULO III</b>	
O materialismo foscoliano .....	<b>34</b>
<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>44</b>
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	<b>46</b>

## INTRODUÇÃO

Sabe-se que a Itália do século XIX foi marcada por importantes eventos no âmbito político, cultural e social, tais como o Governo Napoleônico, o Congresso de Viena e o *Risorgimento*<sup>1</sup>, que refletiram de modo direto no desenvolvimento da sociedade. Na literatura do período podem ser encontrados elementos que contribuiriam para formar a concepção de mundo da época, como é o caso do romance epistolar *Ultime lettere di Jacopo Ortis* [As últimas cartas de Jacopo Ortis], de Ugo Foscolo (Zaquintos, Ilhas Jônicas, 1778 - Turnham Green, Londres, 1827), publicado em definitivo em 1817. Através de cartas, o protagonista, Jacopo Ortis, relata seus sentimentos - alegrias, medos, preocupações - ao amigo confidente, Lorenzo Alderani, e revela a desilusão que o afligia perante a situação política enfrentada pela Itália no período. O romance é considerado autobiográfico, como afirma Anselmi:

É difícil encontrar em toda a produção de Ugo Foscolo uma obra em que não se visualize, mais ou menos declaradamente, e em maneira mais ou menos incômoda, a figura do próprio autor. Esta disposição à autobiografia e também à construção de uma imagem de si através das obras, que a muitos vem interpretada como um dos aspectos requintadamente românticos da personalidade foscoliana, parece certamente central n'As últimas cartas de *Jacopo Ortis* e nos sonetos. (2008, p. 255)<sup>2</sup>

Foscolo vive e desenvolve seu romance num momento crucial na história da Itália, mais especificamente, o período Napoleônico, no qual, com o Tratado de Campoformio, Veneza é cedida à Áustria. Tais acontecimentos estão presentes no romance em questão e parecem ter sido determinantes para a ideia da morte fazer-se presente nas cartas de Jacopo Ortis, as quais têm como temas principais a paixão política e a paixão amorosa, “como um diário que mostra dois

---

<sup>1</sup>Termo usado para descrever o complexo processo político, econômico e social que ocasionou transformações literárias e culturais, eventos diplomáticos e militares, que teve início no final do século XVIII e se estendeu pelo século XIX. Tais acontecimentos levaram a Itália fragmentada politicamente e dominada pelo estrangeiro à unidade política e à independência nacional. In: <http://www.treccani.it/enciclopedia/risorgimento> Acessado em maio de 2015.

<sup>2</sup>“È difficile trovare in tutta la produzione di Ugo Foscolo un'opera in cui non si affacci più o meno dichiaratamente e in maniera più o meno ingombrante la figura stessa dell'autore. Questa disposizione all'autobiografismo e anche alla costruzione di una immagine di sé attraverso le opere, che da molti viene interpretata come uno degli aspetti squisitamente romantici della personalità foscoliana, appare sicuramente centrale nelle *Ultime lettere di Jacopo Ortis* e nei sonetti.” Todas as traduções presentes neste trabalho, salvo outras indicações, são de minha autoria.

imediatos e coloridos sentimentos, aquele do amor inatingível e aquele da pátria perdida”. (FLORA, 1940, p. 62 apud SIMONI, 2008, p. 1) Segundo Simoni:

A morte de Jacopo pode ser lida como uma denúncia social e como um protesto político, na medida que Jacopo luta inutilmente contra as convenções e a crise das esperanças revolucionárias de liberdade e de pátria. Ao contrário de Jacopo, Foscolo, que numa carta sobrepôs-se ao personagem, ao assinar “o teu pobre Ortis”, não se suicida, e através do romance procurou demonstrar como a sociedade moderna, baseada na busca pelo prazer em detrimento dos valores mais nobres como o amor e o patriotismo, destrói o homem e o obriga à extrema decisão de renunciar à própria vida. (2008, p. 5-6)

Foscolo é também “considerado uma figura de relevo na literatura italiana e universal, sendo precursor da prosa moderna italiana com o seu romance epistolar de caráter pré-romântico” (BUONAFINA, 2007, p. 5), e sua obra já foi bastante estudada na Itália, principalmente no que tange a questão política e a questão patriótica. O exílio decorrente das desilusões políticas é um componente biográfico importante para caracterizar a obra, e se revela “não já o selo de uma derrota, mas a condição necessária de uma futura, embora distante redenção política.” (TERZOLI, 2007, p. 65)<sup>3</sup>. Em contrapartida, no aspecto do materialismo foscoliano, é visível a carência de pesquisas. O materialismo em Foscolo normalmente é associado ao carne *Dei Sepolcri*, poema em 295 versos, composto em 1806, endereçado ao poeta Ippolito Pindemonte (1753-1828) e escrito por ocasião do decreto napoleônico que determinava a obrigatoriedade do sepultamento em valas comuns e anônimas, fora das Igrejas (DE CAPRIO, 2003, p. 258). O poema foi traduzido para o português, auxiliando, desta forma, a reflexão sobre o tema:

O fato suscitara inúmeras controvérsias, e os católicos, assim como o poeta Ippolito Pindemonte - com o qual Foscolo iniciara a discussão sobre o tema dos sepulcros e a quem dedicara o poema -, defendiam, sob o viés religioso, tanto o culto aos mortos quanto a instituição das sepulturas. Foscolo, ateu e materialista, em um primeiro momento, se mostrou a favor da lei, mas depois refletiu acerca do tema da morte, reconhecendo que os sepulcros (e, nesta lista, incluem-se tumbas, túmulos, cenotáfios, mausoléus, jazigos, lápides, lousas, urnas), se não são de proveito aos mortos, então o são aos vivos. (LENTZ, 2009)

---

<sup>3</sup> “non già suggello di una sconfitta, bensì la condizione necessaria di una futura, benché lontana redenzione politica.”

No Brasil, Foscolo parece não ter sido ainda suficientemente estudado e “quase nada existe sobre o autor” (BUONAFINA, 2007, p. 194). Contudo, no decorrer desta pesquisa, no início de 2015, *Ultime lettere di Jacopo Ortis* foi publicada no Brasil, intitulada *As últimas cartas de Jacopo Ortis*, traduzida por Andréia Guerini e Karine Simoni, contribuindo, dessa forma, para a inserção de Foscolo no Brasil. Buscando colaborar com o (re)conhecimento do autor no país e com os estudos italianistas brasileiros, proponho estudar a representação da morte - física e metafórica - na obra, com o objetivo de tratar especificamente do materialismo foscoliano, tendo como referência o atomismo de Lucrecio. O materialismo, como procurarei mostrar, é fundamental para compreender o conforto que o protagonista parece buscar na morte, no seio sepulcral dos seus antepassados, na *tomba nella patria*.

O trabalho está dividido em três capítulos. O primeiro contextualiza o momento em que o romance foi escrito, a fim de melhor compreender as escolhas de Foscolo ao retratar o personagem Ortis. Como aporte teórico/crítico serão utilizados autores como Ezio Raimondi, Giacomo Leopardi, Gian Mario Anselmi e Karine Simoni. O segundo capítulo discute o tema da morte física e da morte metafórica presentes no romance, mostrando como a morte é representada, especificamente nas cartas de 11, 13, 26 e 28 de outubro; 12 e 20 de novembro e 11 de dezembro de 1797; 15 de maio e 17 e 25 de setembro de 1798; 5 e 20 de março de 1799. Nesse momento, busco apoio na reflexão de Philippe Ariès e nas contribuições das notas de Giuseppe Nicoletti, organizador da edição de 1997, publicada pela editora *Giunti*, de Florença, utilizada nesta pesquisa por ser uma referência para os estudiosos. Por fim, o último capítulo, pautado na obra de Lucrecio e nas colaborações de Gleiton Lentz, discute o materialismo foscoliano e suas relações com a doutrina atomista de Lucrecio, a partir das cartas datadas de 13 de maio, 23 de outubro e 03 de dezembro de 1797; 25, 27 e 28 de maio, 02 de junho e 27 de agosto de 1798; 19 e 20 de fevereiro; 14, 20 e 25 de março de 1799.

A metodologia pauta-se na coleta de dados baseada na leitura, seleção e análise das referidas cartas, escolhidas porque, no meu entender, apresentam de forma bastante nítida o tema da representação da morte e o materialismo foscoliano. Naturalmente, não será possível no espaço de um TCC tratar detalhadamente de todos os fragmentos e cartas nas quais os temas *morte* e

*materialismo* são citados, mas acredito que a amostra selecionada seja suficiente para alcançar o objetivo do trabalho.

No anseio de contribuir com o estudo dos temas aqui relatados, proponho um olhar para tais perspectivas, esperando contribuir com a divulgação de Foscolo no Brasil e com os estudos italianistas.

## CAPÍTULO I

### Contexto histórico do autor e da obra

Para conhecer a obra de um autor, em qualquer literatura, é necessário conhecer o contexto histórico em que ele viveu. O objetivo deste capítulo é apresentar algumas referências ao período histórico no qual Foscolo viveu, necessárias para melhor compreender o tema da morte no seu romance *Ultime lettere di Jacopo Ortis*.

Foscolo viveu no período que abrange os movimentos culturais europeus *Neoclassicismo* e o *primo Romanticismo*, presentes na Itália entre a segunda metade do *Settecento* e os primeiros anos do *Ottocento*, quando observa-se, tanto no campo filosófico quanto literário e artístico, uma expressiva mudança nos fenômenos e tendências em resposta ao período anterior, o Iluminismo. Tais movimentos podem ser interpretados como categorias temporais, mais ou menos próximas umas das outras, que iniciam com o Neoclassicismo, cujo maior intuito era resgatar a cultura clássica grega e latina após as descobertas de Herculano (1738) e Pompéia (1748), quando foi trazida à tona uma considerável parte da antiga época romana, através de escavações e descobertas que “além de novas ideias e novas oportunidades de estudo e reflexão, estimularam a famosa discussão acerca da suposta superioridade da arte grega sobre a latina.” (ANSELMINI, 2008, p. 247)<sup>4</sup>. Já o Romantismo foi concebido primeiramente na Inglaterra, onde ainda remetia aos conteúdos dos romances de cavalaria e fantásticos. Na segunda metade do século XVII o termo *romântico* foi associado à uma atmosfera de mistério e ligação com a Natureza, à fantasmagoria da paisagem, à riqueza flutuante do real. (RAIMONDI, 1997, p.1)

É necessário considerar que tais termos se manifestaram de formas distintas, e dentre as características do Romantismo estão o sentimento da efemeridade que habita a condição humana, a contínua sensação de impotência perante a finitude da vida e a relação com a Natureza, capaz de refletir o estado de ânimo dos artistas e poetas. Nesse sentido, a Natureza é vista ora como um refúgio, ora como *Madrasta indiferente*, e ainda como uma *devoradora dos seus filhos*, como escreve Foscolo:

---

<sup>4</sup>“Fornirono del resto nuovi spunti e nuove occasioni di studio e di riflessione, e stimolarono la famosa disputa sulla pretesa superiorità dell’arte greca su quella latina.”

Resplandeça, levante, resplandeça, ó Natureza, e reconforte as dores dos mortais. Você não resplandecerá mais para mim. Já senti toda a sua beleza, adorei-a e alimentei-me da sua alegria; e enquanto eu a via, bela e benéfica, você me dizia com uma voz divina: Viva. - Mas no meu desespero depois eu a vi com as mãos gotejantes de sangue, a fragrância das suas flores repleta de veneno para mim, amargos os seus frutos; e você me aparecia **devoradora dos seus filhos**, atraindo-os com a sua beleza e com seus dons à dor. (GUERINI; SIMONI, 2015, p. 204-205, grifos meus)<sup>5</sup>

São perceptíveis estas tendências, seja na literatura ou na estética da pintura, e elas transmitem, muitas vezes, certa melancolia. Giacomo Leopardi (1798-1837), apesar de não se considerar romântico, teceu considerações que ajudam a ilustrar o ambiente cultural do período ao afirmar, no *Zibaldone di Pensieri*:

[3171] Nenhuma coisa demonstra, com mais intensidade, a grandeza e poder do intelecto humano, nem a altura e a nobreza do homem, que poder o homem conhecer e inteiramente compreender e fortemente sentir a sua pequenez. Quando ele, considerando a pluralidade dos mundos, sente-se ser parte infinitesimal de um globo que é mínima parte de um dos infinitos sistemas que compõem o mundo, e nesta consideração espanta-se da sua pequenez, e profundamente sentindo-a e intensamente cuidando-a, se confunde quase com nada, e perde quase a si mesmo no pensamento da imensidão das coisas, e se encontra como que perdido na vastidão incompreensível da existência; então, com este ato e com este pensamento ele dá a maior prova possível da sua nobreza, da força e da imensa capacidade da sua mente, a qual trancada em seu pequeno e menor ser, foi capaz de chegar a conhecer e compreender coisas tanto superiores à natureza dele, e pode abraçar e conter [3172] com o pensamento esta mesma imensidão da existência e das coisas. (1997, p. 623-624)<sup>6</sup>

Outra obra de Leopardi que evidencia fortemente a relação da Natureza como *Madrasta indiferente, que não olha para seus filhos*, é a 12ª das *Operette morali*, intitulada *Diálogo da*

<sup>5</sup>“Splendi su splendi, o Natura, e riconforta le cure de' mortali. Tu non risplenderai più per me. Ho già sentito tutta la tua bellezza, e t'ho adorata, e mi sono alimentato della tua gioja; e finché io ti vedeva bella e benefica tu mi dicevi con una voce divina: Vivi. - Ma nella mia disperazione ti ho poi veduta con le mani grondanti di sangue; la fragranza de' tuoi fiori mi fu pregna di veleno, amari i tuoi frutti; e mi apparivi **divoratrice de' tuoi figliuoli** adescandoli, con la tua bellezza e co' tuoi doni al dolore.” (1997, p. 167-168) Todas as traduções de *Ultime lettere di Jacopo Ortis* presentes neste trabalho foram retiradas de *As últimas cartas de Jacopo Ortis*, tradução de Andréia Guerini e Karine Simoni, publicada pela editora Rocco em 2015.

<sup>6</sup>“[3171] Niuna cosa maggiormente dimostra la grandezza e la potenza dell'umano intelletto, nè l'altezza e nobiltà dell'uomo, che il poter l'uomo conoscere e interamente comprendere e fortemente sentire la sua piccolezza. Quando egli considerando la pluralità de' mondi, si sente essere infinitesima parte di un globo ch'è minima parte d'uno degli infiniti sistemi che compongono il mondo, e in questa considerazione stupisce della sua piccolezza, e profundamente sentendola e intentamente riguardandola, si confonde quasi col nulla, e perde quasi se stesso nel pensiero della immensità delle cose, e si trova come smarrito nella vastità incomprendibile dell'esistenza; allora con questo atto e con questo pensiero egli dà la maggior prova possibile della sua nobiltà, della forza e della immensa capacità della sua mente, la quale rinchiusa in sì piccolo e menomo essere, è potuta pervenire a conoscere e intender cose tanto superiori alla natura di lui, e può abbracciare e contenere [3172] col pensiero questa immensità medesima della esistenza e delle cose.”



*Natureza e de um Islandês (Dialogo della Natura e di un Islandese)*. Nessa opereta, Leopardi retrata um viajante islandês que busca fugir da natureza por ela apresentar muitos obstáculos à vida humana, como vulcões, geleiras, tempestades. Ao chegar na África, o viajante encontra a Natureza, personificada na figura de uma mulher gigante, de aspecto entre o belo e o terrível. Os dois desenvolvem um diálogo, no qual o islandês acusa a Natureza de ser a fonte do sofrimento humano, e a Natureza, em contrapartida, afirma que o mundo não fora criado para servir ao gênero humano, de modo que, se um dia o Homem desaparecesse, ela, totalmente indiferente, provavelmente não perceberia.

A ideia da imensidão da Natureza e do Cosmo em relação ao homem, descrita por Leopardi, pode ser confrontada com a obra *Monge à Beira-mar*, do pintor alemão Caspar David Friedrich (1774-1840), exposta a seguir. A pintura de Friedrich permeia desde a pequenez do ser humano, quando comparado ao macrocosmo; a sua postura levemente curvada, em posição de isolamento e melancolia, acentuadas pela escolha das cores e tons que compõem as esferas do Romantismo; a constante presença do azul que remete ao céu e o sentimento de contemplação:



Figura 1 - *Der Mönch am Meer (Wanderer am Gestade des Meeres)*  
Friedrich, Caspar David. Deutschland: 1808 – 1809 Fonte: Zeno.org<sup>7</sup>

<sup>7</sup>Disponível em: <http://www.zeno.org/Kunstwerke/B/Friedrich,+Caspar+David%3A+Der+M%C3%B6nch+am+Meer>. Acessado em Janeiro de 2015.

A *paixão* é um termo-chave para os românticos, por vezes exaltada de forma dramática, sendo inclusive comparada com Shakespeare (RAIMONDI, 1997, p.7), à medida que traz a punição como destino, relacionando a vida terrena com a falta de esperança, a perdição, os medos e fantasmas, que, aparentemente, fazem o poeta sentir-se perdido e inimigo de si mesmo, demonstrando sua fragilidade unida à ausência de medida e limites para suas emoções.

A influência do Romantismo na Itália foi principalmente evidenciada na literatura de Foscolo e Leopardi, mas, como foi dito, já havia se manifestado na Inglaterra e na Alemanha, principalmente nas figuras de Goethe (1749-1832), que inspirou o movimento romântico europeu, com *Os sofrimentos do jovem Werther*, e Schiller (1759-1805), que, junto com Goethe, fez parte do *Sturm und Drang*<sup>8</sup>, movimento cultural e literário manifesto entre 1760 e 1785, que, com seu programa de reavaliação do irracional na vida e na arte, em oposição ao intelectualismo do Iluminismo, propôs uma visão da cultura e da linguagem como fruto e essência do espírito e da história de um povo, “salientando o caráter inautêntico da literatura alemã ‘alta’, que afunda as suas raízes não na própria tradição nacional, mas naquela clássica dos povos mediterrâneos ou então no Renascimento inglês e francês.” (ANSELMINI, 2008, p. 240)<sup>9</sup>

Uma das principais aspirações do *Sturm und Drang* era permitir ao homem o direito de dar satisfação às suas aspirações mais profundas e contemplar, assim, a individualidade que rompe os vínculos e restrições das leis e das convenções, como é possível verificar na carta 22 de maio, d’*Os Sofrimentos do Jovem Werther*:

Que a vida do ser humano não passe de um sonho, eis uma impressão que muitas pessoas já tiveram, e também eu vivo permanentemente com esta sensação. Quando observo as limitações que cerceiam as forças ativas e criadoras do homem, quando vejo como toda a atividade se resume em satisfazer as nossas necessidades, que, por sua vez, não visam outra coisa senão prolongar nossa pobre existência; quando percebo que todo apaziguamento em relação a determinados pontos de nossas buscas constitui apenas uma resignação ilusória, uma vez que adornamos com figuras coloridas e esperanças luminosas as paredes que nos aprisionam - tudo isso, Wilhelm, me faz emudecer. Volto-me para mim mesmo e encontro todo um mundo dentro de mim! Novamente vejo-o mais a partir de pressentimentos e de vagos desejos, muito mais do que nitidamente contornado e povoado de forças vivas. Tudo então passa a flutuar

<sup>8</sup>TRECCANI - *Sturm und Drang*: <http://www.treccani.it/enciclopedia/sturm-und-drang/> Acessado em maio de 2015.

<sup>9</sup>“sottolineando il carattere inautentico della letteratura tedesca “alta”, che affonda le sue radici non nella propria tradizione nazionale, ma piuttosto in quella classica dei popoli mediterranei oppure nel Rinascimento inglese e francese.”

diante dos meus sentidos, e eu prossigo sorrindo e sonhando na minha jornada pelo mundo. (GOETHE, 2007, p. 15-16)

É válido acrescentar que neste período da história europeia, e mais especificamente no contexto da Itália e Alemanha, se intensifica o interesse pela unificação, no desejo de uma unidade não apenas territorial, mas também linguística, posto que, em ambos os casos, ainda não existe o conceito de país. Segundo Bruno Enei:

É preciso lembrar essa distinção entre o Romantismo e o Iluminismo, que navega o valor da História, ao passo que os românticos cantam o passado, através do qual é possível construir o futuro. Em qualquer país, os românticos falam de conceitos tristes e nobres, que não desprezam o passado. Então a literatura romântica reage a essa literatura iluminística, que nega o valor do país e da arte e de tudo aquilo que é produção de nossa fantasia, de nosso sentimento, porque o Racionalismo e Iluminismo nascem e surgem sob uma concepção racionalista e só afirmam o que é verdadeiro. [...] A diferença entre o Iluminismo e o Romantismo é o problema da pátria. O Iluminismo afirmava o cosmopolitismo, que era uma concepção do cidadão como cidadão do mundo e não desta ou daquela pátria. Então, para o Iluminismo o problema da pátria não era um problema vivo. Para o romântico, é o problema de personalidade e não de individualismo, é um problema de nacionalidade e não de cosmopolitismo. (2010, p. 192-193)

Foscolo, ainda que não se declarasse *romântico*, parece apresentar, no romance aqui analisado, a atmosfera de incertezas, desilusões e solidão vivenciados pelos românticos. O autor nasceu na antiga ilha grega Zaquintos (gr. Ζάκυνθος), em italiano Zante, pertencente à República do Vêneto, em 1778. Sua mãe era grega e seu pai veneziano. Realizou seus estudos em Spalato e, posteriormente, em Veneza, em 1792, junto à sua mãe, após a morte do pai. Leu e estudou os clássicos gregos e latinos, como Homero, Plutarco, Tácito e Lucrécio, assim como autores italianos, como Petrarca, Dante e Maquiavel, e estrangeiros, como Rousseau e Goethe.

No ambiente cultural veneziano, Foscolo interessou-se pelos ideais revolucionários vindos da França; teve uma relação amorosa com Isabella Teotochi Albrizzi e, pelo seu envolvimento tumultuado com as questões políticas do seu tempo, foge para Bolonha, em 1797, onde compõe a ode *A Bonaparte liberatore*, em homenagem ao imperador francês. No mesmo ano, quando os franceses entram em Veneza, Foscolo retorna, mas, rapidamente, se decepciona e sente traídas todas as suas esperanças: Napoleão, de fato, com o *Tratado de Campofórmio*, de 17 de outubro, cede Veneza para a Áustria. De Veneza, parte para Milão, capital da *Repubblica*

*cisalpina*, proclamada pelo exército francês. Em 1798, volta à Bolonha. Neste ano começa a elaboração de *Ultime lettere di Jacopo Ortis*, publicada pela primeira vez entre 1801 e 1802.

Em 1798, Foscolo alistou-se na Guarda Nacional de Bolonha, para enfrentar a ameaça austro-russa e participou de numerosas batalhas, e, em Florença, conheceu Isabella Roncioni, com quem teve um caso amoroso. Esta história de amor, no entanto, trouxe intenso sofrimento para Foscolo, e parte desse sofrimento foi expresso de maneira bastante semelhante no personagem Jacopo Ortis.

Nos anos seguintes, Foscolo continuou deslocando-se por diferentes regiões da Itália e da Europa; enfrentou dificuldades econômicas e compôs algumas das suas obras mais conhecidas, como o carme *Dei Sepolcri*, publicado em 1807. Em 1808 obteve a cátedra de eloquência na Universidade de Pavia, mas a atividade foi suspensa antes que ele pudesse ministrar as aulas. Começou, então, para o poeta, um período particularmente duro, pois criou numerosos inimigos, entre os quais o poeta Vincenzo Monti, que o acusaram de antibonapartismo.

Em 1814, a queda definitiva de Napoleão assinalou o início do exílio definitivo de Foscolo, que, para não servir o governo austríaco, preferiu sair da Itália, passando primeiramente pela Suíça para depois chegar em Londres, onde colaborou com vários jornais e revistas literárias até a sua morte, em 1827. Em 1871, a sua ossada foi transferida para a igreja de Santa Croce, em Florença, próximo dos grandes que ele sempre admirou.

As experiências de Foscolo, bem como algumas de suas características emocionais/psicológicas, parecem estar presentes também na trajetória de Jacopo Ortis, cujas cartas são “evidentemente, a projeção de eventos biográficos ligados à permanência na segunda pátria veneta [...] e culminando na ardente decepção histórica e existencial devido ao fracasso de suas expectativas de intelectual estendido *versus* o empenho político”. (ANSELMINI, 2008, p. 256)<sup>10</sup>. Além da desilusão pela situação política que atravessava a Itália naquele momento, o

---

<sup>10</sup> “evidentemente la proiezione delle vicende biografiche legate al soggiorno nella seconda patria veneta [...] e culminate nella cocente delusione storica ed esistenziale dovuta al fallimento delle sue aspettative di intellettuale proteso verso l’impegno politico.”

protagonista do romance, desafortunadamente, ainda vive uma desoladora paixão amorosa pela jovem Teresa, que o leva a pensamentos tenebrosos que envolvem a esfera da morte.

Após estas considerações, sobre o contexto histórico e cultural da época de Foscolo, necessários, como se verá, para melhor compreender a sua obra, no próximo capítulo será analisada a representação da morte física e metafórica, no romance em questão.

## CAPÍTULO II

### A representação da morte em *Ultime Lettere di Jacopo Ortis*

A morte é representada de forma distinta nas mais variadas culturas, e é demonstrada como sendo parte de uma construção histórica que manifesta, em cada uma delas, suas crenças e convicções, buscando, de certa forma, eternizar a memória dos que partiram. Por um lado, nem sempre foi encontrada a sua representação através dos séculos, já que são vistos períodos na história de pleno silêncio diante do tema. Por outro lado, é sabido que a representação da morte foi bastante evidenciada em outros contextos, como é o caso do período aqui estudado, o final do século XVIII e início do XIX, quando “uma nova sensibilidade não mais tolerou a indiferença tradicional, e que uma devoção foi inventada, tendo sido tão popularizada e difundida na época romântica, que acreditaram-na imemorial”. (ARIÈS, 2003, p. 17)

A partir dessas observações, pretende-se, neste capítulo tecer algumas considerações a respeito da representação da morte em *Ultime lettere di Jacopo Ortis*, a fim de verificar como o tema *morte* é representado na obra, tanto física quanto metaforicamente. Para tanto, foram selecionadas algumas cartas, já identificadas na introdução.

Como já foi relatado, Foscolo esteve fortemente ligado ao momento histórico em que viveu, período no qual a Itália ainda não era um país unificado/independente. Sob o domínio das tropas francesas, lideradas por Napoleão Bonaparte, com o Tratado de Campoformio, em 17 de Outubro de 1797, Veneza foi submetida à liderança francesa, sendo cedida à Áustria. Como também foi visto, o romance aqui analisado possui um forte componente autobiográfico, de modo que este Tratado constitui-se o ponto de partida para o exílio do personagem Jacopo Ortis, que no início do romance foge de Veneza e refugia-se nas colinas Eugêneas, próximo à Pádua. Nesse local, Jacopo conhece a família do Senhor T\*\*\* e se apaixona pela filha deste, a jovem Teresa, que, por sua vez, está prometida ao nobre Odoardo. Portanto, além da falta de esperança diante dos acontecimentos políticos, Jacopo ainda sofre pela impossibilidade de não poder viver o seu amor por Teresa, e é a partir dessas circunstâncias que começa a surgir em seus pensamentos os ensombrados desejos de morte e suicídio como solução para calar o seu sofrimento.

O romance é dividido em duas partes. As cartas de Jacopo são remetidas ao fiel amigo Lorenzo Alderani e, em sua maioria, trazem localidade, data, mês e ano em que foram escritas; em alguns casos, apenas possuem as horas. Desse modo, é possível traçar o percurso feito pelo protagonista. A morte está também presente em outros personagens, como na carta de 16 de outubro, que traz o fragmento da história de Lauretta, cujo amado Eugênio, “morreu em seus braços” (2015, p. 17). Esta carta parece causar um forte impacto em Jacopo, pois ele passa a ver, na dramática experiência de Lauretta, uma espécie de presságio do seu próprio destino. Os principais personagens no romance são: Jacopo Ortis, o protagonista; Lorenzo Alderani, confidente de Jacopo; Lauretta; o Senhor T\*\*\*, pai de Teresa; Odoardo, o noivo de Teresa; Teresa, *aquela divina moça*, filha do Senhor T\*\*\*; Isabella, a irmã menor de Teresa; Parini, poeta que Jacopo visitou em seu exílio. Como personagens secundários, podemos citar Michele, fiel servo de Jacopo; camponeses, a mãe de Jacopo, exilados anônimos, dentre outros.

Como mostrarei a seguir, a ideia da morte é concebida pelo protagonista, por um lado, como um refúgio ou solução para a dor que sente e, por outro lado, é representada metaforicamente, como, por exemplo, quando a Natureza se transforma à medida que os sentimentos de Jacopo mudam. Ele passa a vê-la vestida nos trajes das suas emoções, como se encarnasse fisicamente o que sente. Assim, quando se sente em plenitude e harmonia consigo e com o universo, vê a Natureza como bela, perfeita e harmoniosa; em contrapartida, quando seus pensamentos tornam-se tortuosos, o mundo torna-se cinzento e a Natureza, impiedosa, cruel e indiferente. Isso ocorre diversas vezes ao longo do romance, como quando Jacopo fica inebriado de felicidade (em raros momentos) ao se deparar com a beleza de Teresa, ao compará-la às deusas e às ninfas do mundo clássico: “eu, delirando deliciosamente, vejo diante de mim as Ninfas nuas, saltitantes, coroadas de rosas, e invoco na sua companhia as Musas e o Amor” (2015, p. 102)<sup>11</sup>. Neste momento, a Natureza é bela e harmônica, como sua amada; em seguida, ao se deparar com a realidade, submerso em melancolia, pesar e descontentamento, a Natureza se transforma e torna-se *sepultada sob a neve*: “sem grama nem folhagem que me atestassem as suas abundâncias passadas.” (2015, p. 56)<sup>12</sup> Essa representação metafórica da morte se expande nas cartas, assim como a ideia de morte física, aclamada pela consciência da efemeridade da vida,

<sup>11</sup> “io delirando deliciosamente mi veggo dinanzi le Ninfe ignude, saltanti, inghirlandate di rose, e invoco in lor compagnia le Muse e l'Amore”. (1997, p. 86-87)

<sup>12</sup> “senza erba né fronda che mi attestasse le sue passate dovizie”. (1997, p. 44)

das limitações humanas e da finitude de tudo que possui vida. Tais aspectos serão mostrados a seguir, com a apresentação/análise das cartas selecionadas.

O primeiro trecho selecionado, intitulado *Ao leitor*, não é propriamente uma carta, mas sim o contato inicial de Lorenzo Alderani com o leitor. Escreve ele:

Ao publicar estas cartas, tento erguer um monumento à virtude desconhecida e consagrar à memória do meu único amigo o pranto que agora estou proibido de derramar sobre a sua sepultura. Você, ó Leitor, se não é um desses que exige dos outros o heroísmo de que não é capaz, concederá, espero, a sua compaixão ao jovem infeliz, de quem talvez possa tirar exemplo e conforto. (2015, p. 11)<sup>13</sup>

O trecho foi incluído na análise pela sua relevância na obra: um aviso ao leitor para *envolvê-lo no luto pelo infeliz destino do protagonista*; traz elementos significativos, que serão encontrados outras vezes na obra: a sensibilidade e o desespero. Além disso, segundo Nicoletti (1997, p. 3), o fragmento traz a comoção e a identidade histórica de Jacopo Ortis (homenagem ao estudante de medicina, Girolamo Hortis, cuja morte suicida em Pádua causou grande comoção popular). A morte é aqui representada pelo amigo, correspondente e editor Lorenzo, para consagrar a memória de Jacopo após seu funesto destino; as lágrimas espalhadas sobre a sua sepultura; a homenagem de Foscolo para todos que lutaram pela Pátria “o amor de pátria, a coragem, a lealdade, a ânsia de glória - são esses mesmos *em exílio* da Itália do seu tempo e, em seguida, inevitavelmente, destinados à derrota.” (ANSELMINI, 2008, p. 256)<sup>14</sup>. Na perspectiva filosófica do materialismo de Lucrécio, do qual *nada pode nascer do nada*, como veremos no próximo capítulo, as palavras de Lorenzo indicam que, mesmo sendo a morte o fim da vida, permanece a ideia da vida e da morte de Jacopo como exemplo e conforto para os que lutaram pela pátria.

A próxima carta a ser examinada é a carta de 11 de outubro de 1797, escrita das colinas Eugêneas. A carta refere-se diretamente ao Tratado de Campoformio, assinado oficialmente por

---

<sup>13</sup> “Pubblicando queste lettere, io tento di erigere un monumento alla virtù sconosciuta; e di consecrare alla memoria del solo amico mio quelle lagrime, che ora mi si vieta di spargere su la sua sepoltura. E tu, o Lettore, se uno non sei di coloro che esigono dagli altri quell’eroismo di cui non sono eglino stessi capaci, darai, spero, la tua compassione al giovine infelice dal quale potrai forse trarre esempio e conforto.” (1997, p. 3-4)

<sup>14</sup> “l’amor di patria, il coraggio, la lealtà, l’ansia di gloria – sono essi stessi *in esilio* dall’Italia del suo tempo e quindi inevitabilmente destinati alla sconfitta.”



Napoleão, em 17 de Outubro de 1797, que anuncia o exílio como destino de Ortis. Nesta carta, o protagonista representa a ideia da morte como um *sacrifício consumado*:

O sacrifício da nossa pátria está consumado: tudo está perdido; e a vida, nos tendo sido concedida, servirá apenas para chorar as nossas desgraças e a nossa infâmia. O meu nome está na lista dos proscritos, eu sei; mas por isso, para me salvar de quem me oprime, devo confiar em quem me traiu? Console minha mãe: vencido por suas lágrimas a obedeci e deixei Veneza para evitar as primeiras e mais ferozes perseguições. Agora devo abandonar também esta minha antiga solidão, na qual, sem perder de vista o meu desventurado país, posso ainda ter a esperança de alguns dias de paz? Você me atemoriza, Lorenzo; quantos são, então, os desventurados? E nós, infelizmente, nós, os próprios italianos, lavamos as mãos no sangue dos italianos. Para mim, venha o que vier. Visto que perdi a esperança na minha pátria e em mim, espero tranquilamente a prisão e a morte. O meu cadáver, ao menos, não cairá em braços estrangeiros; meu nome será humildemente chorado por poucos homens, companheiros das nossas misérias, e meus ossos repousarão sobre a terra dos meus antepassados. (2015, p. 15)<sup>15</sup>

Para Jacopo parece não haver qualquer outra possibilidade senão a morte. Faz-se presente a ideia e pensamento grego da morte no seio da pátria, *a tumba na pátria*, pois, tendo sido Foscolo um grande leitor dos clássicos gregos e latinos, é possível que a sua reflexão tenha base no pensamento grego, do qual a morte em solo nativo remete ao vínculo que o cidadão tem por sua terra de origem. O mesmo clima de desolação e dor está presente na carta de 13 de outubro:

Ai! Tantas vezes desesperado por vingança, eu cravaria uma faca no meu coração para derramar todo o sangue entre os últimos sibilos de minha pátria [...] Eu pareço mesmo um daqueles mal-aventurados que, dados por mortos, foram enterrados vivos e, depois revividos, viram-se no túmulo, entre as trevas e os esqueletos, certos de viverem, mas desesperados pela doce luz da vida e forçados a morrer entre as blasfêmias e a fome. E por que nos fazem ver e sentir a liberdade, e depois virá-la contra nós para sempre? E infamemente! (2015, p. 16-17)<sup>16</sup>

<sup>15</sup> “Il sacrificio della patria nostra è consumato: tutto è perduto; e la vita, seppure ne verrà concessa, non ci resterà che per piangere le nostre sciagure, e la nostra infamia. Il mio nome è nella lista di proscrizione, lo so: ma vuoi tu ch’io per salvarmi da chi m’opprime mi commetta a chi mi ha tradito? Consola mia madre: vinto dalle sue lagrime le ho ubbidito, e ho lasciato Venezia per evitare le prime persecuzioni, e le più feroci. Or dovrò io abbandonare anche questa mia solitudine antica, dove, senza perdere dagli occhi il mio sciagurato paese, posso ancora sperare qualche giorno di pace? Tu mi fai raccapricciare, Lorenzo; quanti sono dunque gli sventurati? E noi, pur troppo, noi stessi italiani ci laviamo le mani nel sangue degl’italiani. Per me segua che può. Poiché ho disperato e della mia patria e di me, aspetto tranquillamente la prigione e la morte. Il mio cadavere almeno non cadrà fra braccia straniere; il mio nome sarà sommessamente compianto da’ pochi uomini buoni, compagni delle nostre miserie; e le mie ossa poseranno su la terra de’ miei padri”. (1997, p. 5-6)

<sup>16</sup> “Ahi! sovente disperando di vendicarmi mi caccerei un coltello nel cuore per versare tutto il mio sangue fra le ultime strida della mia patria. [...] Davvero ch’io somiglio un di que’ malavventurati che spacciati morti furono sepolti vivi, e che poi rinvenuti, si sono trovati nel sepolcro fra le tenebre e gli scheletri, certi di vivere, ma disperati del dolce lume

O prenúncio do suicídio do protagonista é visível neste trecho, causado pelo desolador destino da sua Pátria. Jacopo Ortis ainda não conhece Teresa e por isso o amor que sente por ela ainda não é relatado. A ideia da morte física está presente na expressão *uma faca no coração*, em que, através do suicídio, *a morte então sele o seu destino*, unindo-o à sua terra; *a tumba na patria... derramar todo o meu sangue entre os últimos gritos de minha terra natal*.

Na carta de 26 de outubro, notam-se os primeiros sinais de mudança no comportamento e sentimento do personagem, pois relata o encontro com Teresa: “Voltei para casa com o coração em festa. O quê? Será que o espetáculo da beleza basta para adormecer em nós, tristes mortais, todas as dores? Encontre para mim uma fonte de vida: única certamente e, quem sabe, fatal!” (2015, p. 21)<sup>17</sup>. É notável o impacto que Teresa causa em Jacopo, deixando-o em conflito com sua beleza, envolto em pensamentos de torpor, amor e dor - e morte -. Metaforicamente, Jacopo representa o amor *versus* dor; o espetáculo da beleza em contraste com a fragilidade dos mortais; a fonte de vida *versus* fatalidade.

Na carta de 28 de outubro, Jacopo mostra ainda o sofrimento causado pela desilusão de Campofórmio. Retrata, de forma metafórica, o pensamento de unir-se, ou enterrar-se, junto aos seus, no solo/seio da pátria; ainda uma imagem de autodissolução, colocada sob a égide metafórica d'*Os Sepulcros*: “- Ah, se eu pudesse, enterraria minha casa, os meus familiares e a mim mesmo para não deixar nada, nada que pudesse orgulhá-los da sua onipotência e da minha servidão”. (2015, p. 22)<sup>18</sup>. Metaforicamente, o protagonista imagina enterrar a si e aos seus, como se pudesse, de alguma forma, assim refugiar-se. A mesma ideia parece estar presente na carta de 12 de novembro, na qual Jacopo fala de um dia festivo, quando havia transplantado os pinheiros das montanhas mais próximas ao monte da Igreja. Fala do seu pai, que tentara plantar as árvores, e relembra momentos com os antepassados, os agricultores/camponeses e cidadãos antigos. Ainda que escreva buscando as memórias dos bons momentos vividos, o protagonista se vê envolto em pensamentos funestos:

---

della vita, e costretti a morire fra le bestemmie e la fame. E perché farci vedere e sentire la libertà, e poi ritorcerla per sempre? e infamemente!” (1997, p. 7-8)

<sup>17</sup> “Io tornava a casa col cuore in festa. - Che? lo spettacolo della bellezza basta forse ad addormentare in noi tristi mortali tutti i dolori? vedi per me una sorgente di vita: unica certo, e chi sa! fatale.” (1997, p. 13)

<sup>18</sup> “-Ahi, se potessi, seppellirei la mia casa, i miei più cari e me stesso per non lasciar nulla nulla che potesse inorgoglire costoro della loro onnipotenza e della mia servitù!” (1997, p. 14)

E quando os meus ossos frios dormirem naquele pequeno bosque, tão rico e sombreado como nunca, talvez nas noites de verão, ao patético sussurrar das frondes se unirão os suspiros dos antigos antepassados do vilarejo, os quais, ao som do sino dos mortos, rezarão pela paz do espírito do homem de bem e recomendarão a sua memória aos seus filhos. E se algumas vezes o cansado ceifador vier revigorar-se do calor de junho, exclamará olhando a minha sepultura: *Foi ele que ergueu estas frescas sombras hospitaleiras!* - Ó ilusões! E quem não tem pátria como poderá dizer “deixarei aqui ou ali as minhas cinzas”? (2015, p. 26)<sup>19</sup>

A morte é aqui representada em tom poético, no *Outono morrendo*, que também representa o tema da sua própria morte; a recuperação do motivo da pátria perdida e, portanto, da insegurança diante da possibilidade de não ter o choro dos seus na própria sepultura. Sendo a morte o fim da vida, a memória do homem de bem poderá ser transmitida à memória de seus filhos, *post-mortem*, através da lembrança do bem vivido, por isso a sepultura assume um papel tão importante.

Uma das passagens mais relevantes da obra é a visita que Teresa, seu pai, Odoardo, Isabellina e Jacopo fazem à Casa de Petrarca, em Arquà, contada na carta de 20 de novembro. Nesse passeio, Teresa revela a Jacopo que não é feliz, e que desde quando foi prometida a Odoardo, um marido que ela não pode amar, a concórdia desapareceu da sua família. Esta carta apresenta diversas representações da morte que assombram os sentimentos do protagonista: ele consagra a sua vida à Teresa, após saber que ela não é feliz por ser obrigada a se casar com Odoardo: “Esta minha miserável vida é sua, toda: eu a consagro a você e a consagro à sua felicidade!” (2015, p. 31)<sup>20</sup>; para, em seguida, revelar enfaticamente, o desejo da morte suicida: “eu estouraria os meus miolos”. (2015, p. 32)<sup>21</sup>

Na carta de 11 de dezembro, emitida de Pádua, Jacopo Ortis descreve o relato da traição que sofreu por parte daqueles nos quais depositou confiança e amizade. Fica evidente a percepção materialista que o protagonista tem acerca da morte, para além da qual não há vida, apenas

<sup>19</sup> “E quando le ossa mie fredde dormiranno sotto quel boschetto alloramai ricco ed ombroso, forse nelle sere d'estate al patetico susurrar delle fronde si uniranno i sospiri degli antichi padri della villa, i quali al suono della campana de' morti pregheranno pace allo spirito dell'uomo dabbene e raccomanderanno la sua memoria ai lor figli. E se talvolta lo stanco mietitore verrà a ristorarsi dalla arsura di giugno, esclamerà guardando la mia fossa: *Egli innalzò queste fresche ombre ospitali!* - O illusioni! e chi non ha patria, come può dire: lascierò qua o là le mie ceneri?” (1997, p. 17)

<sup>20</sup> “questa mia misera vita è tua, tutta: io te la consacro; e la consacro alla tua felicità!” (1997, p. 22)

<sup>21</sup> “io mi sparpaglierei le cervella” (1997, p. 23)

vermes e fedor: “Sepulturas! Belos mármore e pomposos epitáfios: mas, ao abri-los, só encontramos vermes e fedor”. (2015, p. 47)<sup>22</sup>

A ideia do suicídio retorna na carta de 15 de maio de 1798. Teresa e Jacopo se beijam, e após aquele beijo ele passa a ver novamente a Natureza em harmonia e beleza, em comunhão com os seus sentimentos. Entretanto, a vertigem novamente o assalta, quando relembra os filósofos clássicos, retoma ao fato de que toda beleza e graça eram difundidas para suprir a imperfeição do homem, que encontrava no *bello* e no *vero* uma forma de carinhar suas fantasias. Saindo do torpor, Jacopo retoma o pensamento de que tudo é ilusão, e mais uma vez, os ensombrados sentimentos de morte o perturbam. Então, vê no suicídio a saída e único refúgio:

*Illusões!* No entanto, sem elas eu não sentiria a vida a não ser na dor ou (o que me assusta ainda mais) na rígida e entediante indolência: e se este coração não quiser mais sentir, eu vou arrancá-lo do peito com as minhas mãos e o enxotarei como um servo infiel. (2015, p. 102)<sup>23</sup>

Na sequência, temos o fragmento de uma carta com a indicação de ter sido escrita às 09 horas da manhã, mas sem data. Antes dessa carta, Lorenzo descreve um período particularmente difícil para Jacopo, que, após saber que o casamento de Odoardo e Teresa se aproximava, tornou-se taciturno, “Emagrecido, macilento, com os olhos encovados, mas escancarados e pensativos, a voz triste, os passos lentos, andava mais agasalhado, sem chapéu e com os cabelos caindo pelo rosto. Passava as noites inteiras vagando pelos campos” (2015, p. 115)<sup>24</sup>. O estado emocional de Jacopo ajuda a compreender o teor da carta que ele escreve à Teresa, na qual afirma:

PERDOE-ME, Teresa; eu desgracei a sua juventude [...] Minha mente também está imersa no único pensamento de amá-la para sempre e de chorar por você [...] enquanto eu, nas horas fantásticas da minha dor e das minhas paixões, entediado com o mundo inteiro, desconfiado de todos, caminhando sobre a terra de hospedaria em hospedaria, dirigindo voluntariamente os meus passos em direção à sepultura [...] Morrendo, eu voltarei a você os últimos olhares,

<sup>22</sup> “Sepolture! bei marmi, e pomposi epitaffi: ma schiudili, vi trovi vermi e fetore.” (1997, p. 37)

<sup>23</sup> “*Illusioni!* ma intanto senza di esse io non sentirei la vita che nel dolore, o (che mi spaventa ancor più) nella rigida e nojosa indolenza: e se questo cuore non vorrà più sentire, io me lo strapperò dal petto con le mie mani, e lo cacerò come un servo infedele.” (1997, p. 87)

<sup>24</sup> “Dimagrato, sparuto, con gli occhi incavati, ma spalancati e pensosi, la voce cupa, i passi tardi, andava per lo più inferrajuolato, senza cappello, e con le chiome giù per la faccia; vegliava le notti intere girando per le campagne.” (1997, p. 98-99)

confiarei a você o meu suspiro; derramarei sobre você a minha alma, levarei você comigo, agarrada ao meu peito - e se é mesmo meu destino que eu feche os olhos em terra estrangeira, onde nenhum coração chorará por mim, eu a chamarei silenciosamente à minha cabeceira [...] a minha dor me cavasse a cova, permita-me que eu torne querida a morte com a certeza que você me amou. Agora sim eu sinto em que dor a deixo! Oh! Pudessem morrer aos seus pés! Oh! Morrer e ser enterrado na terra que terá os seus ossos - mas adeus. (2015, p. 127-128-129)<sup>25</sup>

Nesse trecho, podemos encontrar inúmeras representações da morte: a imagem do retrato de Teresa levado à sepultura; o fechar dos olhos em terra estrangeira, numa *sepoltura illacrimata*; o anúncio da *eterna separação*; o *Adeus*. O protagonista passa a crer que, após o dia de sua morte, os homens não poderão mais julgar o seu amor, nem culpar Teresa por tê-lo amado; terão piedade. Confessa o desejo de morrer sob os pés dela e sobre a terra que terá a sua ossada; seria este, me parece, o decreto do seu suicídio. Jacopo escreve à Teresa, e sente-se culpado de ter desgraçado a sua juventude, e pede a ela que lhe envie um retrato seu, que irá confortá-lo dia e noite; imagina-se caminhando voluntariamente à própria sepultura, beijando esta imagem.

Por não conseguir suportar a ideia de ver Teresa casada com Odoardo, Jacopo viaja para outras cidades, dentre elas, Florença. Lá, demonstra, em carta datada de 17 de setembro, o desejo único da morte, por acreditar que somente ela poderia livrá-los da dor e do amor do qual não podem viver, como “se a minha morte pudesse expiar a sua paixão no tribunal dos nossos perseguidores e acalmá-la para sempre dentro do meu peito, eu suplico com todo o ardor e a verdade da minha alma à Natureza e ao Céu para que me tirem finalmente do mundo” (2015, p. 147-148)<sup>26</sup>. O mesmo desejo é expresso, dias depois, na carta de 25 de setembro, na qual ele

---

<sup>25</sup>PERDONAMI, Teresa; io ho funestato la tua giovinezza [...] Pur la mia mente è sepolta nel solo pensiero di amarti sempre e di piangerti. [...] mentr'io nelle ore fantastiche del mio dolore e delle mie passioni, nojato da tutto il mondo, diffidente di tutti, camminando sopra la terra come di locanda in locanda, e drizzando volontariamente i miei passi verso la sepoltura [...] Morendo, io volgerò a te gli ultimi sguardi, io ti raccomanderò il mio sospiro; verserò sovra di te l'anima mia, ti porterò meco nella mia sepoltura attaccata al mio petto - e se è pure prescritto ch'io chiuda gli occhi in terra straniera, e dove nessun cuore mi piangerà, io ti richiamerò tacitamente al mio capezzale [...] il mio dolore mi scavasse la fossa, concedimi ch'io mi renda cara la morte con la certezza che tu m'hai amato. - Or sì ch'io sento in che dolore io ti lascio! Oh! potessi morire a' tuoi piedi: oh! morire ed essere sepolto nella terra che avrà le tue ossa - ma addio. (1997, p. 107, 108 e 109)

<sup>26</sup>«se la mia morte potesse espriare al tribunale de' nostri persecutori la tua passione e sopirla per sempre dentro il tuo petto, io suplico con tutto l'ardore e la verità dell'anima mia la Natura ed il Cielo perché mi tolgano finalmente dal mondo» (1997, p. 121)

questiona: “Para nós, portanto, que outro asilo resta além do deserto e do túmulo?” (2015, p. 150)<sup>27</sup>

Meses mais tarde, em 05 de março de 1799, Jacopo encontra-se em Rimini, onde soube que Teresa finalmente casara-se com Odoardo. Desolado, sente cada vez mais próximo o dia de sua morte; agora, até mesmo as ilusões o abandonam e os desejos estão mortos. Nota-se aqui o percurso da peregrinação de Jacopo: Casa de Petrarca, em Arquà; Igreja de Santa Cruz; e, em Firenze, a tumba de Dante - ou, aqui, “urna” (como n'*Os Sepulcros*). A ideia da morte como refúgio se une à esperança de não viver mais; somente a morte parece prometer paz e conforto, e aqui, abraçando a sepultura de um dos “grandes italianos”, Dante, afirma:

Procuo há muito a paz, e a razão aponta-me sempre o túmulo. [...] A ideia da morte dissolvia a minha tristeza, e eu sorria com a esperança de não viver mais. [...] Apenas a morte, a quem é confiada a sagrada mudança das coisas, promete paz. [...] Sobre o seu túmulo, Pai Dante! Abraçando-o, aferrei-me ainda mais à minha decisão. Você me viu? Por acaso você me inspirou, Pai, tanta firmeza de juízo e de coração, enquanto eu, genuflexo, com a testa apoiada nos seus mármoreos meditava sobre o seu elevado espírito, o seu amor, a sua pátria ingrata, o exílio, a pobreza, a sua mente divina? E me separei da sua sombra, mais decidido e mais contente. (2015, p. 193-194-195)<sup>28</sup>

Contemplando a Lua, confessa sua dor e faz o seu último pedido: “quando Teresa me procurar entre os ciprestes e os pinheiros do monte, ilumine com seus raios a minha sepultura.” (2015, p. 204)<sup>29</sup> A Lua torna-se mais uma vez testemunha e companheira de Jacopo, e no seu colóquio com ela, ele invoca a morte: “Ó Morte! Eu olho para você e a interrogo” (2015, p. 208)<sup>30</sup>, o que indica ao leitor que Jacopo está ainda mais perto do seu inevitável destino. Nota-se a presença metafórica do punhal; provável referência ao drama shakespeariano *Macbeth*, como recurso narrativo que teve relevante influência no período romântico:

<sup>27</sup>“Per noi dunque quale asilo più resta fuorché il deserto, e la tomba?” (1997, p. 124)

<sup>28</sup> “Cerco da molto tempo la pace; e la ragione mi addita sempre la tomba. [...] L'idea della morte dileguava la mia tristezza, ed io sorrideva per la speranza di non vivere più. [...] La sola morte, a cui è commesso il sacro cangiamento delle cose, promette pace. [...] Sull'urna tua, Padre Dante! Abbracciandola, mi sono prefisso ancor più nel mio consiglio. M'hai tu veduto? m'hai tu forse, Padre, ispirato tanta fortezza di senno e di cuore, mentr'io genuflessi, con la fronte appoggiata a' tuoi marmi, meditava e l'alto animo tuo, e il tuo amore, e l'ingrata tua patria, e l'esilio, e la povertà, e la tua mente divina? e mi sono scompagnato dall'ombra tua più deliberato e più lieto.” (1997, p. 158-159)

<sup>29</sup> “quando Teresa mi cercherà fra i cipressi e i pini del monte, illumina co' tuoi raggi la mia sepoltura.” (1997, p. 167)

<sup>30</sup> “O Morte! io ti guardo e t'interrogo.” (1997, p.170)

Você [Morte] também é elemento necessário da Natureza - para mim hoje todo o seu horror desaparece, e você me parece semelhante ao sono da noite, à quietude das obras. [...] Essa velha chaga já se tornou natureza: eu a sinto no meu coração, no meu cérebro, e, em toda parte de mim, goteja sangue e se lamenta como se estivesse acabado de se abrir. - Agora basta, Teresa, basta: não lhe parece ver em mim um enfermo, arrastando-se a passos lentos para a tumba entre o desespero e os tormentos, que não sabe impedir com um único golpe os suplícios do seu destino inevitável? Toco levemente a ponta deste punhal: eu o aperto e sorrio, aqui, no meio deste coração palpitante - e tudo estará acabado [...] Ó! Esfrego as mãos para lavar a mancha do seu sangue - cheiro-as como se exalasses delicto. (2015, p. 208-209-210)<sup>31</sup>

O que se segue no romance é uma sucessão de momentos nos quais Jacopo mostra todo o seu desespero e, em atmosfera de despedida, confessa seus tormentos. Escreve, em 20 de março, já totalmente focado na ideia da morte como solução final e conforto, “as minhas paixões desesperadas; as desventuras das pessoas mais necessárias à minha vida, os delitos humanos, a segurança da minha perpétua escravidão e do opróbrio perpétuo da minha pátria vendida.” (2015, p. 215-216)<sup>32</sup> Teresa, para Jacopo, é quase divina, sacra, imortal, companheira de sepultura; vê-se o eterno paradoxo entre o eterno *versus* finito, tão complexo quanto o próprio Jacopo: “Morrerei quando tiver recebido a bênção da minha mãe e os últimos abraços do meu amigo. [...] Se alguma vida resta após o último suspiro, sempre a reservarei unicamente a você, e o meu amor viverá imortal comigo.” (2015, p. 215-217)<sup>33</sup>

Em suas últimas confissões ao amigo Lorenzo, Jacopo pede para que ele console sua mãe e divida seus poucos bens - livros, relógio, uma pequena quantia em dinheiro - entre as pessoas próximas; pede ainda que Lorenzo entregue a última carta à Teresa, de preferência, em mãos. A ideia da morte é um consolo para Jacopo e ele crê que se encontrará em paz, já que morre

<sup>31</sup> “Tu pure sei necessario elemento della Natura - per me oggimai tutto l'orror tuo si dilegua, e mi rassembri simile al sonno della sera, quiete dell'opre. [...] Questa piaga invecchiata è ormai divenuta natura: io la sento nel mio cuore, nel mio cervello, in tutto me stesso; gronda sangue, e sospira come se fosse aperta di fresco. - Or basta, Teresa, basta: non ti par di vedere in me un infermo strascinato a lenti passi alla tomba fra la disperazione e i tormenti, e non sa prevenire con un sol colpo gli strazj del suo destino inevitabile? Tento la punta di questo pugnale: io lo stringo, e sorrido: qui; in mezzo a questo cuor palpitante - e sarà tutto compiuto. [...] O! Mi vado strofinando le mani per lavare la macchia del suo sangue - le fiuto come se fumassero di delitto.” (1997, p. 170-171)

<sup>32</sup> “le mie passioni disperate; le disavventure delle persone più necessarie alla vita mia; gli umani delitti; la sicurezza della mia perpetua schiavitù e dell'obbrobrio perpetuo della mia patria venduta.” (1997, p. 176)

<sup>33</sup> “Morirò quando avrò ricevuto la benedizione da mia madre, e gli ultimi abbracciamenti dall'amico mio. [...] Che se alcuna vita resta dopo l'ultimo suspiro, io la serberò sempre a te sola, e l'amor mio vivrà immortale con me.” (1997, p. 176-177)

sabendo que Teresa o ama. Percebe-se, inclusive, a morte como sacrifício, que irá purificá-lo através do *ferro libertador* - seu punhal. Cabe lembrar que a morte de Jacopo acontece nas primeiras horas do dia 26 de março, que, naquele ano, coincidiu com a sexta-feira santa, dia em que, para os cristãos, celebra-se o dia do *sacrifício de Cristo*. Jacopo, metaforicamente, fala que já cava há muito tempo a própria cova, e a observa dia e noite, medindo-a friamente. O *cálice amargo*, como sendo a *paixão* de Jacopo, que o vincula à evidência cristológica do sacrifício para o protagonista. *Adeus, portanto - adeus ao Universo!*, e restaram às lágrimas o valor de *único fruto de tanto amor*, como é visto a seguir:

[...] ouça-me pelo menos nestas poucas horas que me separam da morte; [...] Você receberá esta carta quando eu estiver enterrado; e naquela hora todos talvez comecem a me esquecer, até que ninguém mais se lembre do meu nome - escute-me como uma voz que vem do túmulo [...] Oh, sim, minha Teresa; também as minhas penas deverão um dia terminar; e que a minha mão não trema em armar-se do **ferro libertador**, porque abandono a vida enquanto você me ama, enquanto sou ainda digno de você e digno do seu pranto, e eu posso me sacrificar apenas a mim sozinho e à sua virtude. [...] Não, **apenas a morte, a morte. Cavo há muito tempo a minha cova e me habituo a olhá-la dia e noite e a medi-la friamente**. Apenas nestes extremos a natureza recua e grita; mas eu perco você e morrerei. [...] Adeus, portanto - adeus ao universo! Ó amiga minha! A fonte das lágrimas é em mim então inesgotável? Eu volto a chorar e a tremer, mas, por pouco, tudo em breve será aniquilado. Ai! As minhas paixões vivem, ardem e me possuem ainda; e quando a noite eterna roubar o mundo a estes olhos, então sozinho enterrarei comigo os meus desejos e o meu pranto. Mas meus olhos marejados ainda procuram você antes de se fecharem para sempre. E a verei, eu a verei pela última vez, deixarei a você o último adeus, **e tomarei as suas lágrimas, único fruto de tanto amor!** (2015, p. 225-226-228-, grifos meus)<sup>34</sup>

---

<sup>34</sup>[...] “ascoltami almeno in queste poche ore che mi disgiungono dalla morte; [...] Avrai questa lettera quando io sarò sotterrato; e da quella ora tutti forse incominceranno ad obbliarmi, finché niuno più si ricorderà del mio nome - ascoltami come una voce che vien dal sepolcro. [...] Oh sì, mia Teresa; dovevano pure una volta finir le mie pene; e la mia mano non trema nell'armarsi del **ferro liberatore**, poiché abbandono la vita mentre tu m'ami, mentre sono ancora degno di te, e degno del tuo pianto, ed io posso sacrificarmi a me solo, ed alla tua virtù. [...] No; **la morte sola, la morte. Io mi scavo da gran tempo la fossa, e mi sono assuefatto a guardarla giorno e notte, e a misurarla freddamente** - e appena in questi estremi la natura rifugge e grida - ma io ti perdo, ed io morirò. [...] Addio dunque – addio all'universo! O amica mia! la sorgente delle lagrime è in me dunque inesaurita? io torno a piangere e a tremare ma per poco; tutto in breve sarà annichilato. Ah! le mie passioni vivono, ed ardono, e mi possiedono ancora: e quando la notte eterna rapirà il mondo a questi occhi, allora solo seppellirò meco i miei desiderj e il mio pianto. Ma gli occhi miei lagrimosi ti cercano ancora prima di chiudersi per sempre. Ti vedrò, ti vedrò per l'ultima volta, ti lascerò gli ultimi addio, **e prenderò da te le tue lagrime, unico frutto di tanto amore!**” (1997, p. 183-184-185)



Os últimos momentos de Jacopo são dedicados à Teresa, para quem escreve: “em breve estaremos separados pelo nada ou pela incompreensível eternidade.” (2015, p. 232)<sup>35</sup> A visão materialista do qual *nada é eterno; nada pode nascer do nada*, leva Jacopo a questionar-se sobre a eternidade. Um punhal cravado no lado esquerdo do peito - o mesmo lado no qual Cristo teria sido ferido pelo soldado romano - abrirá uma ferida que sangrará por toda a noite. Ele trazia junto ao peito o retrato de Teresa, que se banha em sangue. O desfecho trágico da história de Jacopo Ortis é narrado por Lorenzo: Jacopo foi encontrado pelo seu servo Michele, que, por sua vez, chamou um médico, um padre e o Senhor T\*\*\*, o primeiro a chegar, e nos braços de quem Jacopo deu o último suspiro. O cadáver de Jacopo foi enterrado por Lorenzo e três agricultores/trabalhadores, sob o monte de pinheiros, como fora seu último pedido.

Após percorrer o romance e discorrer sobre o tema *morte* presente na obra, no próximo capítulo proponho um olhar para a *morte* no que tange a perspectiva da filosofia do *materialismo*.

---

<sup>35</sup> “fra poco saremo disgiunti dal nulla, o dalla incomprendibile eternità.” (1997, p. 188)

## CAPÍTULO III

### O materialismo foscoliano

O último capítulo deste trabalho propõe um olhar sobre o materialismo foscoliano. Naturalmente, não é aqui pesquisada a filosofia do materialismo de modo aprofundado, posto que este trabalho se constitui nos limites de um TCC e, desse modo, traz apenas um aceno para o tema. Entretanto, tendo Foscolo como base de seus estudos os clássicos gregos e latinos, é notória a possibilidade de que suas reflexões possam encontrar alicerces no pensamento da filosofia clássica, mesmo porque no romance aqui analisado, diversas referências e elementos selam vínculos do autor com clássicos da cultura greco-romana, dentre eles Plutarco e Lucrecio, como será mostrado a seguir.

Ao estudar o romance, pude notar o diálogo de Foscolo com filósofos da corrente do atomismo, especialmente com Lucrecio, que através de sua obra *De rerum natura (Da Natureza, ou ainda Da Natureza das coisas/Sobre a Natureza das coisas)*, traz uma nova perspectiva para a filosofia epicurista, segundo a qual *nada pode nascer do nada*:

Finalmente, por que razão não poderia a natureza ter feito homens tão grandes que pudessem passar a vau o oceano, separar com as mãos os altos montes e ultrapassar, vivendo, muitos séculos de vida, se não fosse porque há uma quantidade determinada de matéria para tudo o que se gera e dela se compõe tudo o que surge? Tem de se admitir que **nada pode nascer do nada**, porque toda criatura precisa de algum germe para que depois lhe seja possível elevar-se nas suaves auras do ar. (LUCRÉCIO, 1985, p. 87, grifos meus)

Na perspectiva proposta, segundo o autor, *nada pode ser criado do nada*:

Se, por conseqüência, e conforme ensinei, são os elementos compactos sem vazio, é força que sejam eternos; além de tudo, se a matéria não fosse eterna, já há muito tempo haveriam todas as coisas volvido ao nada, e do nada teria renascido tudo o que vemos. Mas, como já antes demonstrei que **nada pode ser criado do nada** e que nada do que surgiu pode voltar ao nada, devem ser de matéria imperecível os elementos a que tem, no fim de tudo, de voltar a matéria para que possa bastar à renovação das coisas. São, portanto, os elementos, sólidos e simples, nem de outro modo poderiam, conservando-se através das idades, ter renovado tudo desde tempos infinitos. (LUCRÉCIO, 1985, p. 96, grifos meus)

Para melhor compreender esse ponto de vista em *Ultime lettere di Jacopo Ortis*, é preciso considerar que o protagonista menciona com frequência o conceito lucreciano sobre a possível eternidade da matéria, do qual *a matéria volta a ser matéria*, posto que:

É indubitável que a matéria não forma um todo compacto, visto vemos que tudo se gasta e por assim dizer se desfaz ao longo dos tempos e se oculta na velhice aos nossos olhos; o conjunto, no entanto, parece permanecer intato, pois o que se retira de qualquer corpo, e por aí o diminui, vai aumentar aquele a que se junta: obrigam uns a envelhecer, outros a prosperar; e não param nesse ponto. Assim continuamente se renova o Universo e vivem os mortais de trocas mútuas. Aumentam umas espécies, diminuem outras, e em breve espaço se substituem as gerações de seres vivos e, como os corredores, passam uns aos outros o facho da vida. (LUCRÉCIO, 1985, p. 113)

Lucrécio, descrevendo o processo natural do ciclo da vida, da eternidade da matéria *versus* finitude da vida, gerando o repetitivo processo da transformação/destruição que leva à reprodução e renascimento de todas as coisas, confirma, explicitamente, a representação do materialismo em Foscolo, na irrefreável transformação das coisas e da lei universal da natureza que destrói para mais uma vez reproduzir *ad aeternum*. É o caso do trecho a seguir, no qual Foscolo narra:

Eu estava sobre o pequeno monte junto à igreja: soava os sinos dos mortos, e o pressentimento do meu fim atraiu meu olhar para o cemitério onde, em montes cobertos de grama, dormem os antigos antepassados do vilarejo – Fiquem em paz, ó nuas relíquias: **a matéria retornou à matéria; nada diminui, nada cresce, nada se perde aqui embaixo; tudo se transforma e se reproduz – destino humano!** Menos infeliz quem menos o teme. (2015, p. 95-96 , grifos meus.)<sup>36</sup>

Pouco se sabe da vida de Tito Lucrécio Caro (Roma, 99 - 55 a. C. ?), e igualmente poucos são os seus registros encontrados, mas é sabido que sua obra síntese é *De rerum natura* (séc. I a.C.), numa das traduções para o português, *Da natureza*. Acredita-se que ele nasceu em Roma, e lá mesmo tenha sido educado, sendo reconhecido como um dos discípulos da doutrina filosófica de Epicuro, o qual ele considerava “honra da raça grega”. Da mesma época é Filodemo, outro

<sup>36</sup> “Mi sono trovato su la montagnuola presso la chiesa: suonava la campana de' morti, e il presentimento della mia fine trasse i miei sguardi sul cimiterio dove ne' loro cumuli coperti di erba dormono gli antichi padri della villa - Abbiate pace, o nude reliquie: **la materia è tornata alla materia; nulla scema, nulla cresce, nulla si perde quaggiù; tutto si trasforma e si riproduce - umana sorte!** men felice degli altri chi men la teme.” (1997, p. 81)

epicurista que viveu em Roma e depois em Herculano. Filodemo também teria contribuído para a difusão do epicurismo no mundo romano, embora tenha escrito em grego. Acredita-se que Lucrécio tenha do mesmo modo levado à Roma antiga o pensamento de Epicuro, no intuito de libertar os romanos da religião que os oprimia, servindo também como fonte na divulgação da doutrina epicurista, e, para o poeta, a vida se realiza no eterno movimento e na combinação dos átomos para formar os corpos compostos:

Há corpos infinitamente pequenos e há o vazio que lhes permite moverem-se; cada um deles é necessário ao outro e o completa. Estas moléculas primordiais são indestrutíveis e simples, sem forma, a fim de se poderem transformar em todas as coisas. Nem a matéria nem o espaço têm limites além daqueles que recebem um do outro; é sobre isso que repousa a eternidade da natureza. (LUCRÉCIO 1985, p. 69)

A morte, para Lucrécio, é “a dissolução dos átomos no ser vivo” (1985, p. 69), condição esta que abraça todo ser que possui vida, e “a natureza não é mais do que uma perpétua agitação, um nascer e um morrer perpétuos”. (1985, p. 70) Desse modo, torna-se questionável a reflexão sobre a vida após a morte, posto que:

Além disso, o corpo não pode nascer nunca por si próprio, nem cresce nem parece durar depois da morte. Não é como a água que perde o vapor que lhe foi dado e nem por isso fica destruída, mas permanece intata: não é, digo eu, do mesmo modo que os órgãos podem suportar, abandonados, a retirada da alma: perecem profundamente abalados e em podridão se abatem. (LUCRÉCIO, 1985, p. 152)

Os fragmentos da obra de Lucrécio aqui esmiuçados estão reunidos no *Livro 3*, no qual, examina a natureza da alma e do espírito, como é visto no seu entendimento sobre ambos:

[...] são unidos por um laço indissolúvel, mas é o espírito que domina; reside no peito, ao passo que as moléculas da alma se encontram espalhadas por todo o corpo. O espírito não pode ser senão material, mas é constituído de corpúsculos de uma extrema finura e de espécies diferentes, e ora é um desses corpúsculos ora outro que predomina; daí vem a diversidade dos temperamentos. Nascido com o corpo, o espírito cresce, envelhece e morre com ele. Mas da sua mortalidade resulta que a morte não nos toca, o que não é uma infelicidade. (1985, p. 69)

Em tais observações, é possível observar que a alma e o espírito são de natureza material e “que é corpórea a natureza do espírito e da alma” (LUCRÉCIO, 1985, p. 147), havendo uma ligação que os influencia mutuamente. Entretanto, vale lembrar que os epicuristas não negam a existência de mitos e deuses, mas questionam profundamente sobre a concepção materialista e atomista de todo ser que possui vida. Para eles, os deuses podem, sim, existir, até mesmo de forma material, mas, se existem, eles não se importam com os seres humanos e não interferem no percurso da vida humana, resultando assim na descrença do conceito *destino* como algo traçado pelos deuses, representado tão fortemente nas tragédias gregas. O pensamento de Lucrecio contempla essas questões, e busca analisar o princípio do prazer que leva a humanidade à crença no sagrado, como uma sublime fuga, “porque, se os homens vissem diante de si fim certo de seus males, teriam a força de resistir às superstições e às ameaças dos padres; sentem-se impotentes porque julgam que têm de sofrer depois da morte castigos eternos.” (LUCRÉCIO, 1985, p. 68). Diante do reconhecimento da efemeridade de tudo que possui vida, o filósofo mais uma vez questiona:

E tu ainda hás de duvidar e ainda te hás de indignar porque vais morrer? Estás ainda vivo e vendo e, no entanto, a tua vida é morta porque estragas, dormindo, a maior parte do tempo e acordado ressonas, não deixas de ver sonhos, trazes a alma atormentada por vãos receios e não podes encontrar nunca a origem do mal quando, pobre de ti, te perseguem inúmeros cuidados e vagueias, como flutuando, ao sabor dos erros do teu espírito. (1985, p. 170-171)

No romance de Foscolo é possível encontrar diversos trechos e fragmentos que representam claramente a concepção materialista de Lucrecio, como na carta de 14 de março de 1799: “Nada eu subtraio do que você me deu. O meu corpo, esta infinitesimal parte, estará sempre unido a você sob outras formas. O meu espírito, se morrer comigo, será modificado comigo na massa imensa das coisas; e se ele é imortal, a sua essência permanecerá ileso.” (2015, p. 205-206)<sup>37</sup>

Outro exemplo do materialismo foscoliano e da sua relação com o materialismo de Lucrecio está na carta de 23 de outubro de 1797. Nesta carta é evidenciado o tema do

---

<sup>37</sup> “Nulla io ti sottraggo di ciò che mi hai dato. Il mio corpo, questa infinitesima parte, ti sarà sempre congiunta sotto altre forme. Il mio spirito - se morrà con me, si modificherà con me nella massa immensa delle cose - e s'egli è immortale! - la sua essenza rimarrà illesa.” (1997, p. 168)

materialismo, que é também desenvolvido n'*Os Sepulcros*, pois reflete acerca da ligação/correspondência entre os vivos e as pessoas que não são/estão mais “[...] que gostaria de se iludir e prolongar a vida, unindo-nos aos homens e às coisas que não existem mais” (2015, p. 19)<sup>38</sup>.

Na carta de 03 de dezembro, Jacopo vai à casa do Senhor T\*\*\* e lá chegando, ouve um som de harpa. Ao se dar conta que era Teresa quem tocava o instrumento, ele descreve a jovem e afirma ter ficado atordoado diante de tamanha beleza, capaz de inebriar seus olhos apaixonados, inspirar a lembrança de um poema de Safo e, por fim, despertar a vontade de compará-la às clássicas Musas imortais:

Era Teresa - como posso eu representá-la, ó jovem celestial, e chamá-la diante de mim em toda a sua beleza, sem o desespero no coração! [...] Agora penetra no meu coração, quando eu escutava Teresa cantar aquelas estrofes de Safo, traduzidas por mim da melhor maneira, com as outras duas odes, os únicos resquícios das poesias daquela amorosa jovem, tão imortal quanto as Musas.” (2015, p. 38-39)<sup>39</sup>

A carta de 13 de maio de 1797 também apresenta fortes indícios da ideia do materialismo de Foscolo e se constitui numa chave temática que depois se desenvolve em sucessivos argumentos. Jacopo observa Teresa, cada detalhe seu; suas mãos apoiando a testa. Questiona a existência de Deus e fala que ao mesmo tempo que Ele trouxe à Terra a Virtude, sua filha primogênita, deu também a Desventura; a mitologia *versus* realidade (*Virtù; Sventura; Giovinessa; Beltà*); conflita com seus sentimentos de amor por Teresa aliados à perturbação da realidade. O materialismo foscoliano é aqui representado, mesclando-se à imagem do bosque de pinheiros e ao pressentimento do seu fim, quando *a matéria volta à matéria*:

- Exausto, deitei- me de braços no bosque de pinheiros, e, naquela muda escuridão, desfilavam na minha mente todas as minhas desventuras e todas as minhas esperanças. Para qualquer parte que eu corresse desejando a felicidade, depois de uma amarga viagem cheia de erros e de tormentos, eu via escancarada a sepultura onde acabaria, com todos os males e todos os bens desta inútil vida.

<sup>38</sup> “[...] vorrebbe illudersi e prolungare la vita unendoci agli uomini ed alle cose che non sono più.” (1997, p. 10)

<sup>39</sup> “Era Teresa - come poss'io immaginarti, o celeste fanciulla, e chiamarti dinanzi a me in tutta la tua bellezza, senza la disperazione nel cuore! [...] Ora ponti nel mio cuore, quand'io udiva cantar da Teresa quelle strofette di Saffo tradotte alla meglio da me con le altre due odi, unici avanzi delle poesie di quella amorosa fanciulla, immortale quanto le Muse”. (1997, p. 28-29)

E me sentia abatido e chorava porque tinha necessidade de consolo - e aos soluços eu invocava Teresa. (2015, p. 96)<sup>40</sup>

Como foi dito, a obsessiva questão do tema sepulcral presente na narrativa leva Jacopo novamente à retomada da história de Lauretta, na carta de 25 de maio de 1798. Estão presentes, nessa carta, temas como a iminência da morte e do sono eterno na natureza, escolha metafórica que remete à carta de 19 de janeiro e ao processo psicológico que o protagonista reporta à *Natureza sepultada na neve*; a imagem da própria tumba; a sua memória que será lembrada por Teresa em um último Adeus. Como na epígrafe que anuncia a obra, *Naturæ clamat ab ipso Vox tumulo*, a matéria volta à matéria, e, em metáfora, “Uma voz clama/chama/grita do próprio túmulo da Natureza”<sup>41</sup>. Jacopo representa claramente o materialismo na imagem da *Destruição - devoradora de todas as coisas* -, do qual traz o conceito lucreciano em sua plenitude:

Agradeço-lhe, eterno Deus, agradeço-lhe! Você então retirou o seu suspiro, e Lauretta deixou para a terra as suas infelicidades: você ouve os gemidos que partem das profundezas da alma e envia a Morte para desatar das correntes da vida as suas criaturas perseguidas e aflitas. Minha querida amiga! Que o seu sepulcro beba ao menos estas lágrimas, únicas exéquias que eu posso lhe oferecer: que os torrões de terra que a escondem sejam cobertos de grama fresca, e das bênçãos de sua mãe e da minha. Você, enquanto vivia, esperava de mim algum conforto; contudo, não pude nem ao menos lhe prestar as últimas homenagens; mas nos reencontraremos, sim. [...] – pobre Lauretta! Talvez você me chame e talvez daqui a pouco eu vá. [...] Antes, entre os precipícios, a morte me assustava; e à sombra daquele pequeno bosque eu teria fechado os olhos com prazer em sono eterno. [...] e quanto mais a Natureza é bela, tanto mais quero vê-la vestida de luto. [...] mas a minha sepultura será banhada por suas lágrimas, pelas lágrimas daquela jovem celestial. E quem porventura cede esta cara e atormentada existência a um eterno esquecimento? Quem por acaso viu pela última vez os raios do Sol, quem saudou a Natureza para sempre, quem abandonou os deleites, as suas esperanças, os enganos, as próprias dores sem deixar atrás de si um desejo, um suspiro, um olhar? [...] Nossos olhos moribundos pedem aos outros algumas gotas de pranto; o nosso coração aprecia que o recente cadáver seja sustentado por braços amorosos e procura um peito que possa assimilar nosso último suspiro. **Geme a Natureza até mesmo no túmulo**, e o seu gemido vence o silêncio e a escuridão da morte. [...] e na opacidade do mundo melancólico e taciturno; contemplo a imagem da **Destruição devoradora de todas as coisas**. Depois volto os olhos para os

<sup>40</sup> “- Sposato mi sdraiai boccone sotto il boschetto de' pini, e in quella muta oscurità, mi sfilavano dinanzi alla mente tutte le mie sventure e tutte le mie speranze. Da qualunque parte io corressi anelando alla felicità, dopo un aspro viaggio pieno di errori e di tormenti, mi vedeva spalancata la sepoltura dove io m'andava a perdere con tutti i mali e tutti i beni di questa inutile vita. E mi sentiva avvilito e piangeva perché avea bisogno di consolazione - e ne' miei singhiozzi io invocava Teresa”. (1997, p. 81)

<sup>41</sup> Tradução: Jair Stedile, em 2014.

bosques de pinheiros plantados pelo meu pai sobre aquela colina junto à porta da paróquia e entrevejo branquear entre as frondes agitadas pelos ventos a pedra da minha cova. E me parece ver você chegar com minha mãe e abençoar, ou perdoar, pelo menos, as cinzas do infeliz filho. E rezo para mim, consolando-me: talvez Teresa virá solitária ao amanhecer, entristecer-se docemente sobre as minhas antigas memórias e me dizer um outro adeus. Não! A morte não é dolorosa. E se alguém colocar as mãos na minha sepultura e desarrumar o meu esqueleto para tirar da noite no qual jazerão as minhas ardentes paixões, as minhas opiniões, os meus delitos - talvez; não me defenda, Lorenzo, mas responda apenas: *Era homem e infeliz*. (2015, p. 103-104-106-107-108-109; grifos meus)<sup>42</sup>

O desespero do protagonista se intensifica à medida que o tempo passa e a possibilidade de construir uma vida com Teresa torna-se cada vez mais distante. Nas cartas enviadas a Lorenzo, cada vez mais são reveladas visões de Teresa como *companheira de sepulcro*, causando a impressão de que esses pensamentos envolvem Jacopo por imaginá-la como morta, para se tornar eternamente sua, como narrado na carta de 27 de maio de 1798. Nesta carta, está manifestada explicitamente a ideia extrema do suicídio, pois Jacopo reflete acerca da sua mortalidade, e seu sofrimento e desesperança o levam a querer *sair do inferno da vida*, chegando quase à sátira de rir da sua condição e da condição de todos os homens, posto que *tu não és imortal*:

E quando ouço trovoar na alma aquela terrível sentença *Jamais serei sua*; eu passo de furor em furor e planejo delitos de sangue. Não você, inocente virgem,

---

<sup>42</sup> “Ti ringrazio, eterno Iddio, ti ringrazio! Tu hai dunque ritirato il tuo sospiro, e Lauretta ha lasciato alla terra le sue infelicità: tu ascolti i gemiti che partono dalle viscere dell'anima, e mandi la Morte per isciogliere dalle catene della vita le tue creature perseguitate ed afflitte. Mia cara amica! il tuo sepolcro beva almeno queste lagrime, sole esequie ch'io posso offerirti: le zolle che ti nascondono sieno coperte di fresca erba, e dalle benedizioni di tua madre e dalla mia. Tu vivendo speravi da me qualche conforto; eppure! non ho potuto nemmeno prestarti gli ultimi ufficj; ma - ci rivedremo -sì! [...] - povera Lauretta! tu forse mi chiami - e forse fra non molto io verrò. [...] Dianzi fra le rupi la morte mi era spavento; e all'ombra di quel boschetto io avrei chiusi gli occhi volentieri in sonno eterno.[...] e quanto la Natura è più bela tanto più vorrei vederla vestita a lutto.[...] ma la mia sepoltura sarà bagnata dalle tue lagrime, dalle lagrime di quella fanciulla celeste. E chi mai cede a una eterna obblivione questa cara e travagliata esistenza? Chi mai vide per l'ultima volta i raggi del Sole, chi salutò la Natura per sempre, chi abbandonò i suoi dilette, le sue speranze, i suoi inganni, i suoi stessi dolori senza lasciar dietro a sé un desiderio, un sospiro, uno sguardo? [...] I nostri occhi morenti chiedono altrui qualche stilla di pianto, e il nostro cuore ama che il recente cadavere sia sostenuto da braccia amorse, e cerca un petto dove trasfondere l'ultimo nostro respiro. **Geme la Natura perfin nella tomba**, e il suo gemito vince il silenzio e l'oscurità della morte. [...] e nella opacità del mondo malinconico e taciturno contemplo la immagine della **Distruzione divoratrice di tutte le cose**. Poi giro gli occhi sulle macchie de' pini piantati dal padre mio su quel colle presso la porta della parrocchia, e travedo biancheggiare fra le frondi agitate da' venti la pietra della mia fossa. E mi par di vederti venir con mia madre, a benedire, o perdonar non foss'altro alle ceneri dell'infelice figliuolo. E predico a me, consolandomi: Forse Teresa verrà solitaria su l'alba a rattristarsi dolcemente su le mie antiche memorie, e a dirmi un altro addio. No! la morte non è dolorosa. Che se taluno metterà le mani nella mia sepoltura e scompiglierà il mio scheletro per trarre dalla notte in cui giaceranno, le mie ardenti passioni, le mie opinioni, i miei delitti -forse; non mi difendere, Lorenzo; rispondi soltanto: *Era uomo, e infelice*.” (1997, p. 88-90-91-92-93)



só eu, só eu tentei a traição e a terei, quem sabe consumado. [...] eu morrerei aos seus pés, mas todo seu e sabendo que a deixei inocente – mas ao mesmo tempo infeliz! Se você não puder se casar comigo, será ao menos minha **companheira na sepultura**. Ah, não, que a pena deste amor fatal se volte contra mim. Que eu chore por toda a eternidade, mas que o céu, ó Teresa, não queira que você seja infeliz por muito tempo, nem por minha causa! No entanto, eu a perdi, e você me roubou de você, você mesma. Ah, se você me amasse como eu a amo! [...] **Você não é imortal**. Agora vamos, soframos, portanto; e até os extremos - sairei, sairei do inferno da vida, e basta eu somente: **a essa ideia rio da sorte, dos homens e quase da onipotência de Deus**. (2015, p. 110-111, grifos meus)<sup>43</sup>

Outro trecho no qual é possível visualizar a intensificação do desespero de Jacopo está na carta de 28 de maio de 1798. Os sentimentos de Jacopo parecem ficar cada vez mais extremos, e seu desespero é tão destruidor quanto a Natureza devoradora:

Com frequência eu imagino o mundo todo de cabeça para baixo e o Céu, o Sol, o Oceano e todos os globos em chamas e no nada. Mas se mesmo em meio à universal ruína eu pudesse estreitar outra vez Teresa – apenas mais uma vez entre estes braços, eu invocaria a destruição da criação. (2015, p. 111)<sup>44</sup>

A representação da natureza nos leva a pensar na ideia da Natureza *madrasta*, que está presente em outros trechos do romance, como na carta de 02 de junho de 1798. Nesta, a Natureza não é mais bela, nem harmoniosa, posto que Jacopo a observa como um reflexo de si mesmo, *alma tempestuosa!*, e se vê absolutamente envolto e suspenso sob os olhos e as nuvens da morte. A Natureza vai se transformando com o protagonista, “Que gema comigo o universo! [...] Oh! Desde aquela hora sinto por todos os membros um arrepio, as mão frias, os lábios lívidos e os olhos errantes entre as nuvens da morte”. (2015, p. 114)<sup>45</sup>

<sup>43</sup> “- e quando mi sento tuonare nell'anima quella tremenda sentenza: *Non sarò vostra mai*; io trapasso di furore in furore, e medito delitti di sangue. -Non tu, innocente vergine, io solo ho tentato il tradimento; e l'avrei, chi sa? - consumato. [...] io ti morirò a' piedi; ma tutto tuo, e sapendo che pur t'ho lasciata innocente – ma insieme infelice! Tu, se non potrai essermi sposa, mi sarai almeno **compagna nel sepolcro**. Ah no; la pena di questo amore fatale si rovesci sopra di me. Ch'io pianga per tutta un'eternità; ma che il cielo, o Teresa, non voglia che tu sia lungamente per mia cagione infelice! – Ma intanto io ti ho perduta, e tu mi t'involi, tu stessa. Ah se tu mi amassi com'io t'amo! [...] **Tu non se' immortale**. Or via, soffriamo dunque; e sino agli estremi - uscirò, uscirò dall'inferno della vita; e basto io solo: **a questa idea rido e della fortuna, e degli uomini, e quasi della onnipotenza di Dio**.” (1997, p. 93-94)

<sup>44</sup> “Spesso io mi figuro tutto il mondo a soquadro, e il Cielo, e il Sole, e l'Oceano, e tutti i globi nelle fiamme e nel nulla; ma se anche in mezzo alla universale rovina io potessi stringere un'altra volta Teresa- un'altra volta soltanto fra queste braccia, io invocarei la distruzione del creato.” (1997, p. 94)

<sup>45</sup> “Gemesse con me l'universo! [...] - Oh! da quell'ora mi sento per tutte le membra un brivido, le mani fredde, le labbra livide, e gli occhi erranti fra le nuvole della morte.” (1997, p. 96)

Na carta de 27 de agosto de 1798, escrita em Florença, Jacopo retoma o tema político da peregrinação às tumbas dos grandes italianos, e visita as tumbas da Igreja Santa Cruz, onde estão enterrados ilustres expoentes italianos, como Michelangelo, Galileo e Maquiavel; citada nos versos d'*Os Sepulcros*. O materialismo foscoliano mostra-se bastante evidenciado:

[...] à visão materialista da morte como "nada eterno", contrapôs a ilusão de uma sobrevivência garantida pelos sepulcros que, se de um lado, preservam os vínculos familiares e os valores, isto é, aqueles valores que inspiram os homens a cumprir "nobres empresas" (pátria, glória, heroísmo), por outro, se constituem em matéria de poesia, poesia imortal que "vence o silêncio de incontáveis séculos" e a própria morte, consentindo uma sobrevivência ideal aos mortos. (LENTZ, 2009).

Na longa carta escrita de Ventimiglia, em 19 e 20 de fevereiro, o protagonista retrata seus anseios e desilusões acerca da pátria e reflete sobre a morte, posto que, em mais esse momento, “tudo está vestido de tristeza para mim, se nada mais posso esperar a não ser o sono eterno da morte, só vocês, ó minhas selvas, ouvirão meu último lamento, e só vocês cobrirão com suas sombras pacíficas o meu frio cadáver.” (2015, p. 191)<sup>46</sup>

Na já citada carta de 20 de março de 1799, nos trechos finais que precedem ao desolador e funesto destino do protagonista, é notável o forte pensamento atomista desenvolvido por Foscolo ao representar o seu personagem. Jacopo se questiona sobre o que é a vida, o que ele mesmo é, o que é o mundo e o que ele faz nele; filosofa na mesma inquietude que vários pensadores/filósofos já que se questionam desde sempre; chega à conclusão, novamente, da sua pequenez diante de tudo, e, acima de tudo, percebe-se como um átomo:

Eu não sei nem por que vim ao mundo, nem como, nem o que é o mundo, nem o que eu mesmo sou para mim. E se eu corro para investigá-lo, retorno confuso por uma ignorância cada vez mais assustadora. Não sei o que são o meu corpo, os meus sentidos, a minha alma, e essa mesma parte de mim que pensa naquilo que escrevo e que medita sobre tudo e sobre si mesma não pode se conhecer jamais. Em vão tento medir com a mente estes imensos espaços do universo que me circundam. Encontro-me como que ligado a um pequeno canto de um espaço incompreensível, sem saber por que estou aqui em vez de em outro lugar; ou por que este breve tempo da minha existência foi destinado a este momento da

<sup>46</sup> “tutto è vestito di tristezza per me, se null'altro posso ancora sperare che il sonno eterno della morte - voi sole, o mie selve, udirete il mio ultimo lamento, e voi sole coprirete con le vostre ombre pacifiche il mio freddo cadavere.” (1997, p. 157)

eternidade e não a todos os que o precederam e que o seguirão. Eu não vejo por todos os lados senão infinidades que me absorvem como um átomo. (2015, p. 213)<sup>47</sup>

Por fim, na carta de 25 de março de 1799, escrita poucas horas antes da sua morte, Jacopo acrescenta esse proscrito à última carta que deixa a Lorenzo. Na carta de adeus à Teresa, ele afirma que levará o retrato da jovem com ele, sobre o peito, para ser enterrado com o seu cadáver. Percebe-se aqui a visão esperançosa, ainda que vã, de Teresa como sua companheira de sepulcro. O *materialismo* é aqui celebrado, posto que Jacopo deixa o pedido final de que não reste para si mesmo e para o seu cadáver nenhum funeral, nenhuma lápide, tema do qual será, posteriormente, evidenciado n’*Os Sepulcros*: “Faça com que eu seja sepultado em um local abandonado como aquele em que serei encontrado, à noite, sem exéquias, sem lápide, sob os pinheiros da colina voltada para a igreja. Que o retrato de Teresa seja enterrado com meu cadáver.” (2015, p. 230)<sup>48</sup>

Após mostrar várias evidências na obra de Foscolo, que representam a visão da morte para o personagem Jacopo Ortis, é possível afirmar que o materialismo foscoliano pode ser fundamentado na perspectiva atomista de Lucrecio.

---

<sup>47</sup> “Io non so né perché venni al mondo; né come; né cosa sia il mondo; né cosa io stesso mi sia. E s'io corro ad investigarlo, mi ritorno confuso d'una ignoranza sempre più spaventosa. Non so cosa sia il mio corpo, i miei sensi, l'anima mia; e questa stessa parte di me che pensa ciò ch'io scrivo, e che medita sopra di tutto e sopra se stessa, non può conoscersi mai. Invano io tento di misurare con la mente questi immensi spazj dell'universo che mi circondano. Mi trovo come attaccato a un piccolo angolo di uno spazio incomprendibile, senza sapere perché sono collocato piuttosto qui che altrove; o perché questo breve tempo della mia esistenza sia assegnato piuttosto a questo momento dell'eternità che a tutti quelli che precedevano, e che seguiranno. Io non vedo da tutte le parti altro che infinità le quali mi assorbono come un atomo.” (1997, p. 174)

<sup>48</sup> “Fa ch'io sia sepolto, così come sarò trovato, in un sito abbandonato, di notte, senza esequie, senza lapide, sotto i pini del colle che guarda la chiesa. Il ritratto di Teresa sia sotterrato col mio cadavere.” (1997, p.186)

## CONCLUSÃO

Nas cartas de Jacopo Ortis foi possível encontrar o tema *morte* sendo representado em um considerável número e em diversos aspectos: morte de toda esperança; morte dos sonhos de pátria; morte do amor e de tudo que o protagonista poderia acreditar. É visível ainda uma possibilidade quase que paradoxal entre a crença no divino e no material, e essa crença paradoxal está presente nos epicuristas, os quais acreditam na finitude da alma com a morte, mas também na existência dos deuses, apesar de acreditarem que estes não atuam sobre o mundo ou sobre os humanos, apenas fazem parte do mundo material. A morte, no romance, é ora vista como um *sacrifício*, o que remete à visão mítica e religiosa, ora em contraste com a concepção materialista da eternidade da matéria *versus* a finitude da vida. Essa ambiguidade gera uma dialética que torna evidente o fato que a interpretação do tema da morte no romance aqui analisado pode trazer diferentes significações, dependendo de cada particular leitura e olhar. Entretanto, é recorrente a questão da morte sendo representada por motivos claramente relatados ao longo das cartas.

O materialismo foscoliano traz um olhar complexo acerca da morte, mas, ao mesmo tempo, lógico: por um lado, leva o leitor à esfera dos sonhos e ideais, dos vínculos aos antepassados, do respeito à terra e ao solo em que se nasce, das esperanças, das paixões e do amor; por outro lado, o traz de volta à realidade da eterna condição humana: “Assim, a filosofia demanda aos homens um heroísmo que a Natureza evita.”(FOSCOLO, 2015, p. 180)<sup>49</sup>

A recorrência do termo *cálice amargo* vincula a expressão cristológica à lembrança do tema religioso, ainda que constantemente questionado por Jacopo, é fortemente representado na obra, sendo mesmo relacionado como recurso narrativo que por vezes remete ao drama do teatro shakespeariano, tomando no romance um caráter de ambiguidade; de um lado a dor e a *paixão* tão retratada pelos artistas do romantismo, que remete à paixão de Cristo; de outro lado, a Natureza *destruidora/devoradora, indiferente* e que não tem piedade dos seus filhos.

Diante de tais reflexões acerca do tema *morte e materialismo*, representados física e metaforicamente no romance aqui estudado, é possível concluir que o materialismo em Foscolo,

---

<sup>49</sup> “Così la Filosofia domanda agli uomini un eroismo da cui la Natura rifugge.” (FOSCOLO, 1997, p.148)

de fato, encontra reverberação na perspectiva filosófica atomista de Lucrecio, posto que em diversos trechos e fragmentos o protagonista ecoa termos específicos que remetem automaticamente às palavras do poeta latino, como procurei demonstrar neste trabalho, e, sendo assim, é viável afirmar que o materialismo foscoliano tem, em partes, alicerces no pensamento do atomismo, levado à Roma clássica por Lucrecio, após ser desenvolvido por Demócrito e Epicuro.

No intuito de conhecer um pouco mais sobre os temas aqui pesquisados, é visível na obra de Foscolo o esclarecimento dos objetivos aqui propostos, dentro dos conceitos que foram evidenciados e comparados, quando citados ao longo do romance unidos ao poema de Lucrecio e, desse modo, foi possível atar um laço entre ambas as obras, concluindo com a crença do materialismo foscoliano sob a luz do atomismo lucreciano.

## BIBLIOGRAFIA

ANSELMINI, Gian Mario. **Perfil histórico da literatura italiana**. 4a.ed. Milano: Sanzoni, 2008.

ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente**. Philippe Ariès; tradução: Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

BUONAFINA, Maria Tereza. "**As últimas cartas de Jacopo Ortis, de Ugo Foscolo - análise acompanhada de tradução comentada e anotada**" São Paulo: USP, 2007

DE CAPRIO, Vincenzo. **Projeto literatura. L'età napoleônica e del risorgimento**. Torino: Einaudi Scuola, 2003.

ENEI, Bruno. **Aulas de literatura italiana e desafios críticos**. Ponta Grossa, PR: TODAPALAVRA, 2010.

FOSCOLO, Ugo. **Últimas cartas de Jacopo Ortis** (A cura di Giuseppe Nicoletti). Firenze: Giunti, 1997.

FOSCOLO, Ugo. **As últimas cartas de Jacopo Ortis**. Trad. Andréia Guerini e Karine Simoni. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2015.

FLORA, Francesco. **Foscolo**. Milano: Società Editrice Nazionale, 1940.

GOETHE, J. W. **Os sofrimentos do jovem Werther**. Trad. Marion Fleischer. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. (Clássicos).

JOYAU, E.; RIBBECK, G. Introdução. In: OS PENSADORES - **Epicuro, Lucrecio, Cícero, Sêneca, Marco Aurélio**; traduções e notas de Agostinho da Silva... [et al.]; 3ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985.

LENTZ, Gleiton. Introdução. In: FOSCOLO, Ugo. **Os Sepulcros**. Trad. Gleiton Lentz. Rio de Janeiro: Alea vol.11 no. 2, Dec. 2009.

LEOPARDI, Giacomo. **Zibaldone di pensieri**. Recanati: Grandi Tascabili Economici Newton, 1997.

\_\_\_\_\_. Operette morali. (a cura di Antonio Prete) Milano: Feltrinelli, 2014.

RAIMONDI, Ezio. **Romanticismo italiano e romanticismo europeu**. Milano: Bruno Mondadori, 1997.

SIMONI, Karine. **Foscolo e Ortis: pátria, amor e dor entre a história e a literatura**. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 8: Corpo, Violência e Poder, 2008, Florianópolis. Fazendo Gênero 8: Corpo, violência e poder, 2008.

TERZOLI, Maria Antonietta. **Con l'incantesimo della parola – Foscolo scrittore e critico.** Roma: Edizioni Di Storia e Letteratura, 2007.

### DICIONÁRIOS:

DICIONÁRIO HOUAISS ELETRÔNICO DA LÍNGUA PORTUGUESA. São Paulo: Objetiva, 2009.

DICIONÁRIO MARTINS FONTES italiano-português / coordenação geral Ivone C. Benedetti. – São Paulo: Martins Fontes, 2004.

### SITES:

BIBLIOTECA ITALIANA <http://bibliotecaitaliana.it/>

TRECCANI - Enciclopedie on line:

**Risorgimento:** <http://www.treccani.it/enciclopedia/risorgimento/> Acessado em maio de 2015

**Campoformio, Trattato di** [www.treccani.it/enciclopedia/trattato-di-campoformio/](http://www.treccani.it/enciclopedia/trattato-di-campoformio/) Acessado em maio de 2015

**Sturm und Drang:** <http://www.treccani.it/enciclopedia/sturm-und-drang/> - Acessado em maio de 2015

ZENO.ORG:

<http://www.zeno.org/Kunstwerke/B/Friedrich,+Caspar+David%3A+Der+M%C3%B6nch+am+Meer>